

Suzana Maria Moura Bezerra

**OLHAR DOS VIAJANTES NO SÉCULO XIX PARA OS
INDÍGENAS DO XINGU: KARL VON DEN STEINEN**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Graduação
em Antropologia da Universidade
Federal de Santa Catarina para a
obtenção do Grau de bacharel em
Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edviges
Marta Ioris

Florianópolis 2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

BEZERRA, Suzana Maria Moura

O olhar dos viajantes no século XIX para os indígenas do Xingu: Karl von den Steinen / Suzana Maria Moura Bezerra; orientadora: Prof.^a Dr.^a Edviges Marta Ioris - Florianópolis, SC, 2017.

75 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Antropologia.

Inclui referências

1. Antropologia. 2. Olhar. 3. Xingu. I. IORIS, Edviges Marta. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Suzana Maria Moura Bezerra

**O OLHAR DOS VIAJANTES NO SÉCULO XIX PARA OS
INDÍGENAS DO XINGU: KARL VON DEN STEINEN**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para
obtenção do Título de “bacharel” e aprovado em sua forma final pelo
Curso de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2017.

Prof^a. Dr^a Maria Eugenia Dominguez
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Edviges Marta Ioris
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Maria Eugenia Dominguez
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

A todos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) abordou as viagens de Karl von den Steinen em finais do século XIX pela região do rio Xingu, cujas nascentes ele e os expedicionários e de sua equipe são considerados os primeiros não indígenas e percorrê-las e registrá-las. A primeira expedição foi realizada em 1884 com o objetivo de encontrar as nascentes do rio Xingu, aquela foz de 2 km que despejava águas límpidas no rio Amazonas, sem nenhuma ilha, mas sobre a qual, até então, não havia nenhum registro escrito, indicando a sua posição precisa. Aqueles que até então haviam se aventurado a percorrer o Xingu até suas nascentes, retornaram antes da chamada “a grande curva”, pois o rio era de difícil navegação, o seu percurso é cheio de pedras. Todos os viajantes que haviam tentado percorrê-lo acabaram desistindo devido a estas e outras dificuldades. Karl von den Steinen, médico psiquiatra, naturalista e antropólogo, nascido na Alemanha, gostava de viajar e se interessava por relatos de viagens, através dos quais acabou tomando conhecimento do rio Xingu e do enigma que envolvia suas nascentes, e a ausência de registro sobre a sua localização. Assim, motivado a suprir essa lacuna, von den Steinen montou uma expedição e saiu ao alcance das nascentes do rio Xingu, em abril de 1884, encontrando-as três meses mais tarde. Nessa primeira expedição também encontrou vários grupos indígenas, que o motivou retornar três anos mais tarde, em 1887, quando refez o trajeto, desta vez, com o objetivo de levantar dados etnográficos sobre os modos de vida dos indígenas do Xingu. Ele acabou chamando a atenção para a necessidade de proteger a diversidade étnica e cultural dos grupos existentes ao longo da bacia do rio Xingu, plantando a primeira semente do vindouro Parque Indígena do Xingu, criado 74 anos mais tarde, em 1961.

Palavras-chave: Karl von den Steiner; viajantes; Xingu

ABSTRACT

This undergraduate thesis approached the trips of Karl von den Steinen in the late nineteenth century by the region of the Xingu River, whose springs he and the expeditionaries of his team are considered the first non-Indians to travel and register them. The first expedition was carried out in 1884 with the purpose of finding the sources of the Xingu River, that mouth of 2 km that poured clear waters in the Amazon River, without any island, but on which, until then, there was no written record, indicating your precise position. Those who hitherto had ventured to travel the Xingu to their springs, returned before the called "the great curve", because the river was difficult to navigate, its route is full of stones. All the travelers who had tried to cross it ended up giving up because of these and other difficulties. Karl von den Steinen, a psychiatrist, naturalist and anthropologist, born in Germany, liked to travel and was interested in travel reports, through which he became acquainted with the Xingu River and the enigma surrounding its springs, and the lack of record your location. Therefore, motivated to fill this gap, von den Steinen set up an expedition and left within reach of the springs of the Xingu River, in April of 1884, meeting them three months later. In this first expedition he also found several indigenous groups, which motivated him to return three years later, in 1887, when he retraced the route, this time with the objective of collecting ethnographic data of the ways of life of the Xingu Indians. He drew attention to the need to protect the ethnic and cultural diversity of the groups that existing along the Xingu River basin, planting the first seed of the future Xingu Indigenous Park, created 74 years later, in 1961.

Keywords: Karl von den Steiner; travelers; Xingu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
As razões desse estudo:.....	13
A chegada na Antropologia e o olhar sobre os naturalistas que percorreram pelo rio Xingu.....	15
Metodologia.....	21
Apresentação dos Capítulos.....	21
1. KARL VON DEN STEINEN E OS NATURALISTAS ALEMÃES NO BRASIL	23
1.2 Origens e formação de Karl von den Steinen.....	23
1.3 Ambiente na Alemanha em relação as expedições científicas e produção etnológica na América do Sul:.....	25
1.4 O Brasil e as expedições científicas	27
1.5 Dona Leopoldina, e seus expedicionários	27
1.6 O apoio brasileiro as expedições científicas.....	29
2. AS EXPEDIÇÕES DE KARL VON DEN STEINEN	31
2.1 O viajante naturalista Karl von den Steinen pelo Brasil 31	
2.2 As diferentes denominações do rio Xingu.....	34
2.3 O trabalho dos jesuítas como fonte de informação	36
2.4 A procura nos mapas das nascentes do Xingu.....	39
2.5 A Edfílica cidade de Cuiabá	41
2.6 Os preparativos da expedição.....	42
3. O ENCONTRO COM O XINGU	47
3.1 O início da expedição	47
3.2 Os Bacairis	50
3.3 As mudanças	52
3.4 O contato com os grupos indígenas.....	57
3.5 O encontro com o Xingu	60
3.6 A Palestra de 1887: A Descoberta do Xingu.....	62
3.7 A 2ª expedição ao Xingu.....	63
3.8 A Palestra de 1888: A proteção dos Indígenas.....	68

CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

INTRODUÇÃO

As razões desse estudo:

Como se deu este estudo? O porquê deste objeto de estudo? São perguntas que provavelmente aparecem quando se deparam com o título do TCC: “O olhar dos viajantes no século XIX Karl von den Steinen”. Por que falar especificamente deste viajante e de suas expedições pelo rio Xingu, nos anos de 1884 e 1887, já que havia naquele século um congestionamento de pesquisadores provenientes do continente europeu. Ela também tem a ver com minha trajetória pessoal. O que tem de especial, e por que me motivou estudá-lo?

Falar das expedições de Karl von den Steinen e todos os preparativos que a envolveu é também adentrar numa história bem particular, porque eu, em 1985, ou seja, 101 anos depois de Karl von den Steinen andou pelo Xingu, eu também organizei minha expedição para lá. Neste caso, sem equipe de expedição, segui rumo ao Parque Indígena do Xingu, o qual foi criado em 1960. A origem da proposta de criação do Parque Indígena do Xingu é atribuída a esse naturalista, que visitou a região em 1884 e 1887 e foi a primeira a chamar a atenção para a necessidade de proteger a diversidade étnica e cultural dos grupos existentes ao longo da bacia do rio Xingu (Steinen/1888).

Eu fui ao Parque do Xingu como funcionária da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), onde trabalhei no referido parque por oito anos, mais diretamente junto ao grupo Ikpeng¹, conhecidos como Txicão. A aldeia dos Ikpeng ficava próxima as cabeceiras do rio Xingu, o qual, nesta região, fica muito estreito na época da seca, quando costuma atravessá-lo andando ou a nado. Esta parte do rio é bem diferente do que ocorre na região onde vivem os índios Kayabi, mais conhecido como médio Xingu, onde o rio fica bem largo; sendo normal avistar ilhas que ficam submersas no período da chuva, quando o volume d'água aumenta gradativamente. Depois que se atravessa a rodovia federal BR-080, o rio Xingu torna-se bem mais largo, com bastante ilhas.

Durante o tempo que trabalhei no Parque do Xingu, eu convivi com diferentes grupos indígenas, tantos os que foram morar no Parque depois de sua criação, como no caso dos Ikpeng, ou que já estavam na

¹ *Ikpeng* constitui a autodenominação do grupo, mas ele ficou conhecido pelo nome recebido por um grupo hostil com os quais entraram contato: Chicão, Tchicão ou Txicão. // ISA

época em que Karl von den Steinen percorreu e documentou as etnias que manteve contato no século XIX. Percorrendo a região do Parque do Xingu encontrei dois lugares conhecidos e citados pelos grupos que ali viviam que têm nomes de pessoas estrangeiras, e que me chamaram atenção. Um deles é o “rio Karl von den Steinen” mais comumente chamado “rio Estene” que desagua no Xingu, e a “Cachoeira von Martius”, na região onde estavam instaladas duas aldeias da etnia Kaiapó. Tive oportunidade de conhecer este rio até a referida cachoeira, a qual foi nomeada por Karl von den Steinen “Cachoeira Von Martius”

Enquanto trabalhava no Parque do Xingu não procurei saber, nem pesquisei, o porquê daqueles nomes de rio e cachoeira, embora sabia que eram de origem Germânica e que faziam parte da história do Parque. O interesse em saber quem eram começou quando estava cursando especialização em História no ano de 1998, ministrado no Departamento de História da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa que desenvolvia para a obtenção do título de especialista foi sobre “os administradores do Parque Indígena do Xingu”, focando especificamente na administração do Megaron Txucarramãe, que foi o primeiro índio a assumir um cargo de diretor daquele Parque, no ano de 1984. Antes de Megaron Txucarramãe, os demais administradores do Parque eram todos não indígenas, como: Orlando Villas Boas, Olímpio Serra, Francisco de Assis Silva (o Chicão), Cláudio Romero, todos funcionários da FUNAI e “brancos”.

Diante do tema escolhido, fui procurar documentos que subsidiassem a referida pesquisa e deparei-me novamente com os nomes de Karl von den Steinen e Carl Friedrich Philipp von Martius. Assim, entre o material encontrado, soube que esses nomes se referiam aos expedicionários naturalistas que estiveram no Brasil no século XIX. O rio Steinen fica próximo as cabeceiras do Xingu, e a cachoeira Martius se localiza em um lugar repleto de pedras, que no período da estiagem impedem que a água corra normalmente. Quem batizou esta cachoeira foi Karl von den Steinen, quando passou pela região. Ele relata em seu livro “O Brasil Central”, que no dia 12 de setembro de 1884 ele se deparou com uma cachoeira íngreme de 3 metros de profundidade e largura de 1.200 metros. Diante da cachoeira resolveu homenagear von Martius:

A essa queda d’água tão altamente característica, sob o ponto de vista geográfico e etnológico, só pudemos dar o nome de Catarata de Martius, em homenagem ao patricio, que ocupa o primeiro

plano entre todos os exploradores das coisas brasileiras” (STEINEN, 1884, p. 266).

Depois, lendo a biografia da Imperatriz Leopoldina², soube que Martius tinha participado de sua comitiva quando este veio ao Brasil contrair matrimônio com o príncipe regente Dom Pedro que, depois tornou-se o primeiro imperador do Brasil.

A chegada na Antropologia e o olhar sobre os naturalistas que percorreram pelo rio Xingu

Desde que fui morar no Parque Indígena do Xingu tive contatos com muitos antropólogos que por lá passaram para estudar os grupos indígenas, e vários deles me presentearam com livros de autores que pesquisavam sobre assuntos ligados a antropologia. Fui gostando do tema e sempre procurando livros, artigos e palestras que abordassem sobre o assunto, focando principalmente na etnologia³. No ano de 2008 soube que a Universidade Federal de Santa Catarina estava por instalar o curso de Antropologia na graduação. Assim, em agosto de 2009 saí de Goiânia, onde morava e trabalhava, e segui para Florianópolis com a intenção de estudar antropologia. Primeiramente, entrei no curso de Ciências Sociais, na condição de retorno de graduado, pois sou formada em Serviço Social e Direito, ambos os cursos frequentados na Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Quando o curso de Antropologia foi criado em 2009, solicitei a vaga e comecei a frequentá-lo. Aproveito o ensejo para frisar que o corpo docente de Antropologia da UFSC é muito bom e os professores são dedicados, e graças ao trabalho desempenhado por eles tenho uma outra leitura desta ciência. De tudo que aprendi no curso e com as boas aulas ministradas, estou colocando em prática através deste TCC.

Foi com a compreensão adquirida depois que saí do Parque do Xingu que busquei reconstruir as viagens de Karl von den Steinen àquela região. Karl von den Steinen considerado o mais famoso etnólogo no Brasil do século XIX, cujas narrativas e estudos influenciaram fortemente a criação do Parque Indígena do Xingu um século adiante. Foi ele quem primeiro alertou sobre a necessidade de proteção desses povos e região,

² Prantner Johanna. Imperatriz Leopoldina do Brasil.

³ Etnologia é o estudo ou ciência que estuda os fatos e documentos levantados pela etnografia, no âmbito da antropologia cultural e social, buscando uma apreciação analítica e comparativa das culturas e das civilizações.

em sua palestra em 1887, proferida para a Princesa Isabel e seu marido Conde D’eu (1842–1922). O objetivo desta palestra era relatar a segunda expedição que havia realizado, com o objetivo de fazer levantamentos etnográficos dos grupos indígenas que viviam na região e percorrer o rio Kulisevu.

Na primeira expedição de von den Steinen ao Xingu foram visitados vários grupos. Todavia, a comitiva tinha como objetivo descobrir as nascentes do rio Xingu, cujo êxito foi alcançado. Nessa primeira oportunidade de contato com os indígenas aproveitou para visitar as aldeias que ficavam ao longo do trajeto. Como resultado da primeira expedição que realizou, escreveu o livro “Os índios do Brasil Central”, publicado primeiramente na Alemanha em 1886, e depois no Brasil em 1942, editado pela Companhia Editora Nacional, com tradução de Catarina Baratz Cannabrava. O livro teve como subtítulo “Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu.

Quando foi realizado a segunda expedição no ano de 1887, a qual foi relatada em seu livro “Entre os aborígenes do Brasil Central”, publicado na Alemanha no ano de 1897 e no Brasil foi publicado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, em 1940, que teve como tradutor o etnólogo Egon Schaden (1913 – 1991). Nesse livro, von den Steinen descreveu os contatos com os grupos indígenas e as mudanças que ocorreram entre as expedições.

Os Bacairis eram os informantes para von den e sua equipe e serviam de ponte para aqueles grupos que estavam mais isolados. Coube a eles informar onde encontrá-los. Em relação a estes grupos, von den Steinen registrava que eram “primitivos como saíram das mãos da natureza”. Temendo pelo futuro daqueles grupos, clamou à Princesa Isabel a proteção para os três mil aborígenes que viviam naquela região (STEINEN, 1888, p. 211). Essa proteção efetivou-se setenta e sete anos depois, com a criação do Parque Indígena do Xingu, no ano de 1961. Teve como o primeiro administrador Orlando Villas Boas, que junto com seus irmãos, Leonardo e Claudio Villas Boas foram atuantes na formulação da criação do Parque e articulação para sua efetivação. A criação do Parque significou uma medida oficial em defesa das bases territoriais e culturais dos indígenas daquela região do Xingu. Foi o primeiro parque criado no Brasil com o objetivo de proteger grupos indígenas de diferentes etnias. Esse TCC visa reconstruir as expedições de Karl von den Steinen pelo Xingu na segunda metade do século XIX e a visão que ele traçou dos indígenas, que possibilitou 6 décadas mais tarde, fossem objeto de

proteção oficial do Estado com a criação do Parque Indígena do Xingu com extensão de 26.420 km².

Referencial Teórico

São vários autores que se dedicaram aos estudos antropológicos sobre os viajantes e naturalistas que organizavam expedições para conhecer e compreender o Brasil, principalmente as expedições que ocorreram no século XIX, quando se deslocaram de seus países de origem e vinham para as terras quentes dos trópicos. Um dos primeiros a analisar o trabalho dos viajantes e naturalistas alemães foi Egon Schaden (1967), que escreveu artigos citando os viajantes que vinham para o Brasil expedicionar. No capítulo VI, “Exploração Antropológica”, do tomo II do livro “O Brasil Monárquico”, Schaden analisa o trabalho destes viajantes que percorreram grande parte do território brasileiro. Entre os alemães, ele cita a contribuição de Karl von den Steinen, que descobriu as nascentes do Xingu e conseguiu coletar material mitológico dos Bacairis e de outros grupos da região. Outro artigo escrito por Egon Schaden (1990), publicado na Revista de Antropologia (volume 33) de 1990/USP, “Pioneiros alemães da exploração etnológica do Alto Xingu”, ressalta o levantamento linguístico dos grupos indígenas e os textos míticos Karib que fez com tradução interlinear. O texto de Schaden “Karl von den Steinen e a exploração científica do Brasil”, foi apresentado na 2ª reunião brasileira de Antropologia, realizada na cidade de Salvador em 1955, e nele faz um traçado sobre a vida do expedicionário, ao mesmo tempo que presta uma homenagem ao centenário de seu nascimento.

Além de Egon Schaden, outros pesquisadores abordaram o trabalho dos viajantes, como Karem Macknow Lisboa, com o seu livro, publicado em 1997, “*A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*” Nele, a autora analisa o trabalho científico, literário e artístico de Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix, que visitaram várias regiões do Brasil no início do século XIX, percorrendo mais de 10.000 quilômetros do território brasileiro, ora por terra, ora por água. O livro de Lisboa (1997) aborda a expedição realizada por estes naturalistas, bem como a forma como viam e retratavam o Brasil e os conceitos que eles seguiam sobre natureza e civilização. Estes expedicionários vieram na comitiva que trazia Dona Leopoldina, que chegou ao Brasil para se casar com Dom Pedro, e percorreram grande parte do Brasil durante três anos. As informações registradas por Spix e Martius foram fundamentais para a

organização da expedição de Karl von den Steinen, assim como foram seus grandes influenciadores para sua busca pelas nascentes do rio Xingu.

Outra autora que também se debruçou sobre os naturalistas que visitaram o Brasil no século XIX foi Ana Lucia Fayet Sallas (2010). Em seu texto “Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX”, ela: trata da construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação”. A autora analisa os relatos e produção iconográfica dos viajantes Wied-Neuwied, Karl Friedich von Martius, e Johann Moritz Rugendas, que estiveram no Brasil entre os anos de 1815 a 1825, e durante suas viagens produziram imagens dos lugares e das pessoas. Nas gravuras os naturalistas são colocados na “posição de espectadores”⁴, ou seja, eles aparecem nas gravuras como se estivessem assistindo a cena. É a construção do imaginário e quem aprecia o trabalho dos expedicionários percebe a existência de um processo civilizador em andamento. A divulgação destas imagens motivou outras expedições que vieram no encalço. As imagens que circulavam no meio onde estes naturalistas viviam tinha valor e fortalecia a ideia de que outras expedições eram necessárias para a continuação do conhecimento.

Também a professora do Departamento de Antropologia da UFSC, Ilka Boaventura Leite, se dedicou a pesquisar viajantes e expedicionários que visitaram o Brasil no século XIX e suas impressões e descrição daquela população. Mais especificamente, Leite (1996), abordou os viajantes que estiveram em Minas Gerais e se depararam com o Brasil escravagista, cujo trabalho foi publicado no livro “Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX”. Nele, a autora ressalta a importância dos relatos dos viajantes, afirmando que “Os relatos de viagem ao Brasil, enquanto fontes de informações, permitem leituras inesgotáveis. É possível extrair delas inúmeras informações e impressões” (LEITE,1996, p.14). Assim, a autora discute como os viajantes que vinham ao Brasil no século XIX e se depararam com a escravidão negra procuravam tratar o tema, que era polêmico, com polidez e delicadeza. Apesar de muitos viajantes criticarem o sistema escravagista vigente no país, muitos utilizavam da mão escrava para as diversas atividades que envolviam as suas expedições.

Sobre os relatos dos viajantes, a Professora Ilka assinala que

cada viajante constrói o texto, sistematizando fragmentos da experiência da viagem de outros, de suas vivências, expectativas e frustrações. A viagem

⁴ Artigo, figura 5, pag.425.

enquanto texto, adquire uma fascinante multidimensionalidade (idem, ibidem, p. 15)

Através das viagens vão se construindo relatos que depois são transformados em livros, palestras e depoimentos. Quem ler ou quem escuta tem diante de si a imaginação, e é o estímulo para que outras viagens ocorram. Quem se dispõe a ler os relatos, tal como von den Steinen fez, imbuído de uma vontade de percorrer os mesmos caminhos que outros viajantes fizeram, ou de seguir outras rotas, mais tendo os relatos como guias.

Contudo, é o, o artigo de Joao Pacheco de Oliveira (1986), professor de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ, “Elementos para uma sociologia dos viajantes”, que nos apresenta um norte para realizar qualquer pesquisa sobre os viajantes que estiveram no Brasil. No seu caso, abordou os viajantes que estiveram na região do Alto Solimões, no estado do Amazonas, na época província do Amazonas. De acordo com Oliveira, para fazer uma leitura dos relatos dos naturalistas que percorreram o Brasil em qualquer século é preciso tomar algumas precauções metodológicas. Primeiramente, para pensar uma sociologia dos viajantes, Oliveira propõe que a análise das suas crônicas

devem ser conceituadas enquanto modalidade específica de produção intelectual, orientada por certas normas técnicas de recorte, verbalização e sistematização da realidade observada e que se distancia bastante de outras modalidades de produção intelectual da época (OLIVEIRA, 1986, p. 91).

Com isso, o autor chama a atenção de que apesar dos relatos densos provocarem no leitor a maravilhosa sensação “*eu também já estive lá*”, não podem ser consideradas etnografia no sentido atual do termo. Oliveira ressalta a necessidade de entender o contexto em que foram realizadas as expedições desses cientistas, assim como as posições sociais destes expedicionários. Para tanto Oliveira, propõe a análise dos relatos desses viajantes a partir da ideia de “campo intelectual”, desenvolvido por Bourdieu (1967). Os viajantes citados por Oliveira, que percorreram o Alto Solimões no “Terceiro quartel do século XIX” (95), vieram da França, Portugal, Áustria, Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Alemanha, e suas viagens que ocorreram entre 1739 a 1886. O primeiro foi o francês La Condamine (1701 – 1774); o segundo da lista foi o português Alexandre Rodrigues, o único daquele país a desenvolver pesquisas na

região. O país que mais enviou viajantes foi a Inglaterra, foram seis entre eles estavam: Alfred Russel *Wallace*, Henry *Bates*, e Richard Spruce e a Alemanha enviou um pesquisador.

Oliveira faz uma divisão entre as diferentes características encontradas entre os viajantes que percorreram o Brasil no século XIX em três grupos. No primeiro, estariam os viajantes que possuíam titulação acadêmica; no segundo estariam aqueles com formação diversificada, mas que demonstram interesse pela história natural; e no terceiro, estariam os viajantes que possuíam uma formação primordialmente geográfica. As expedições de Karl von den Steinen se enquadrariam entre aquelas de viajantes com titulação acadêmica, entre os quais, além dele mesmo, era acompanhado pelo geógrafo e astrônomo Otto Clauss, que costumava dar aulas de geografia, explicando as características geográficas do lugar.

Oliveira (1986) também chama a atenção para a necessidade de levantar as diferentes formas de financiamento das expedições, das condições físicas e materiais para realização destas viagens, assim como as relações que os naturalistas estabeleciam no Brasil e com as instâncias do poder. As expedições de pesquisa desses naturalistas recebiam inúmeros apoios, seja de ordem acadêmica, empresarial, diplomática e governamental. As expedições para se concretizarem recebiam como fontes de financiamento apoio de fundos públicos, privados e recursos individuais, que vão promover as expedições. Sem este tipo de apoio se tornaria inviável as expedições. Como veremos adiante, no caso de von den Steinen vários foram suas formas de apoio e financiamento para suas viagens para o Xingu.

Assim, seguindo as orientações de Oliveira para uma abordagem dos viajantes naturalistas que percorreram o Brasil no século XIX, busco mapear as motivações, e as condições intelectuais e materiais que possibilitaram a expedição de Karl von den Steinen pelo rio Xingu, onde alcançou suas nascentes, e apresentar as suas publicações que narram suas travessias e descrevem os indígenas, cujas descrições serviram de base para criação do Parque Indígena do Xingu, sete décadas mais tarde, além de subsidiar intelectualmente outras expedições.

Informo ainda ter ciência de uma enorme literatura sobre viajantes naturalistas que percorreram o Brasil no século XIX e que não foi abordada neste TCC, assim como sobre o próprio Karl von den Steinen, mas que não me possível trabalhar nos limites desse trabalho de final de curso.

Metodologia

A metodologia empregada na pesquisa foi a bibliográfica, ou seja, trabalhando somente com material impresso. Assim, empenhei-me em sair a busca de material referente a Karl von den Steinen e as duas expedições, tanto as que publicou quanto a que foi publicada sobre ele. Assim, tive acesso a vários documentos da época, os quais que foram digitalizados e encontrados na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, através de sua página virtual (www.etnolinguistica.org). Os dois livros de von den Steinen, “O Brasil Central” e “Entre os aborígenes do Planalto Central”, eu encontrei na Biblioteca do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Além da Biblioteca Curt Nimuendaju, também pesquisei as páginas virtuais dos museus brasileiros, principalmente, o Museu Paulista, localizado na cidade de São Paulo; o Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro; e o Museu Emílio Goeldi, na cidade de Belém. Esses Museus têm um vasto material sobre os viajantes que percorreram o Brasil, além de muitos artigos escritos por pesquisadores que se dedicaram ao assunto.

O material que tive acesso sobre Karl von den Steinen resume-se a artigos que foram citados anteriormente, e ao laudo antropológico da antropóloga do Museu Nacional Bruna Franchetto, que analisa as expedições que foram para o Xingu, constando as duas expedições de von den Steinen. Após vários esforços empenhados não encontrei monografias ou dissertações a respeito deste viajante, o que se encontram são citações a respeito do seu trabalho na região xinguana. O restante do material encontrado foi publicado em alemão, idioma que desconheço.

Apresentação dos Capítulos

Este TCC é composto por introdução, três capítulos e considerações finais, que objetivam contar a história de Karl von den Steinen, considerado o maior etnólogo do século XIX, que saiu da Alemanha e chegou até as nascentes do rio Xingu. Foi o primeiro a documentar de forma primorosa a descoberta que realizou das nascentes desse rio, esta expedição deu a ele o título de etnólogo, ressaltando que ele era médico com formação em psiquiatria.

O primeiro capítulo mostra quem era Karl von den Steinen e porque se lançou em procurar as nascentes do volumoso rio Xingu, que chamava a atenção dos viajantes que percorriam o rio Amazonas. Este capítulo retrata os viajantes que deram suporte intelectual a expedição, desde o papal de Dona Leopoldina, futura imperatriz do Brasil, que

impulsionou a vinda de pesquisadores. Por causa destes pesquisadores e de outros o Brasil tornou-se celeiro para as mais diferentes pesquisas, atraídos pelos recursos naturais e diversidade de grupos étnicos. Os governos monárquicos respaldavam o trabalho das expedições científicas que vieram para o Brasil.

O capítulo segundo apresenta o viajante Karl von den Steinen pelo Brasil e sua preparação para encontrar as informações sobre o Xingu, através dos mapas e crônicas produzidas pelos jesuítas que percorreram o Brasil, e através dos seus registros produziram documentos. Como a nascente do Xingu ficava no Mato Grosso, a expedição passou dois meses em Cuiabá e os expedicionários mantiveram e nesse tempo participaram ativamente dos eventos sociais que ocorriam naquela cidade.

E o terceiro e último capítulo tem o objetivo de mostrar como se deu a expedição e a chegada as nascentes do Xingu; o encontro com os Bacaris e sua história, para que a expedição fosse coroada com êxito foi necessário realizar mudanças. Havia um contingente grande de soldados e dois capitães, mas o capitão Tupy que estava no comando da expedição não coadunava com os expedicionários causando problemas de relacionamento. Mesmo assim, houve contato com os grupos indígenas que viviam na região das nascentes, e apesar dos problemas, a expedição finalmente alcança as nascentes do Xingu foi o primeiro não indígena a registrar o encontro com as nascentes do rio Xingu.

1. KARL VON DEN STEINEN E OS NATURALISTAS ALEMÃES NO BRASIL

Esse capítulo apresenta as origens e a formação acadêmica de Karl von den Steinen, suas viagens e seu trabalho como médico na cidade de Berlim, e mostra a importância que havia na Alemanha para as expedições científicas com destino a América do Sul naquele momento⁵. Além de Karl von den Steinen, também dois expedicionários provenientes da escola de Berlim estiveram desenvolvendo pesquisas na região do alto Xingu, assim como outros expedicionários que foram para outras partes do Brasil, mostrando a importância e a ênfase que as instituições alemãs davam as pesquisas. O Brasil incentivava a vinda destas expedições científicas, e havia o empenho da família real principalmente Dom João VI e Dom Pedro II, em apoiar os pesquisadores. Além disso a imperatriz Dona Leopoldina, quando veio morar no Brasil trouxe vários pesquisadores que faziam parte da sua comitiva, que desenvolveram pesquisas de acordo com sua especialidade.

1.2 Origens e formação de Karl von den Steinen

Inicialmente, para entender o trabalho que Karl von den Steinen realizou como expedicionário ao longo do Xingu se faz necessário entender as suas origens sociais e acadêmicas. Ele nasceu em Mulheim, cidade da Alemanha, localizada na região administrativa de Dusseldorf, estado da Renânia do Norte-Vestefália, em 7 de março de 1855. Nas pesquisas realizadas na internet ou nos livros, não encontrei os nomes dos seus pais, apenas que teve três filhos, sendo que o primeiro Helmut von den Steinen (1890-1956), foi tradutor literário e ensaísta; o segundo Wolfram von den Steinen (1892-1967), foi professor universitário de história da idade média; e por último Marianne von den Steinen, casada com Karl Schefold, professor de Arqueologia clássica. Não houve menção a sua esposa. Em relação ao nome de Karl von den Steinen não encontrei informações precisas, mas acredito que tenha alguma ligação com a nobreza, pela sua formação acadêmica, pelas viagens realizadas e pelas pessoas ou instituições que financiavam as referidas expedições. Porém, apesar do nome ser composto pela partícula “von”, em geral ligado a nobreza, em países como a Suíça e no norte da Alemanha, região

⁵ Ressalta-se que a formação do estado alemão ocorreu somente em 1871, antes o que havia eram estados soberanos que compartilhavam a língua germânica.

onde Karl von den Steinen nasceu, a partícula “von” é comum em sobrenomes e amplamente utilizado por plebeus. Formado em medicina, somente com 20 anos, e especializado em psiquiatria, Karl von den Steinen encontrou o ‘pai da antropologia’ alemã, Adolf Bastian (1826-1905), que era de Berlim, durante uma viagem que realizada ao redor do mundo. Este encontro no Havaí marcou sua vida e foi fundamental o conduziu a realizar as expedições que agora abordamos.

Entre os anos de 1879 a 1881, Karl von den Steinen viajou ao redor do mundo, realizando pequenas viagens de pesquisas voltadas para a etnologia. Simultaneamente, estudou a loucura em estados culturais, posto que era médico com especialidade em psiquiatria. De 1878 a 1879 trabalhou como assistente no hospital “Charité”, o maior hospital da cidade de Berlim. Adiante, entre 1882 e 1883 participou da primeira Expedição Alemã Internacional à Georgia do Sul⁶, como médico e biólogo. Com base nos levantamentos realizados esta viagem adquiriu o grau de doutor em Filosofia, com o trabalho “Generalidades sobre a atividade zoológica em Geórgia do Sul”. Naquela época foi ao estado americano do Havaí, onde encontrou-se com Adolf Bastian e, por causa deste encontro, von den Steinen foi trabalhar com este etnólogo no Museu de Etnologia de Berlim.

A história envolvendo o Xingu iniciou na viagem de volta da expedição as ilhas da Georgia do Sul. Em fevereiro de 1884 von den Steinen se separou do grupo que retornou para a Alemanha, e, juntamente com Otto Clauss e seu primo Wilhelm von den Steinen, resolveu realizar outra expedição. Chegaram a cidade de Montevidéu, capital do Uruguai em setembro de 1883 e decidiram ir conhecer o interior da América do Sul⁷. A primeira intenção era percorrer o rio Pilcomayo⁸. Todavia, o Sr.

⁶ As Ilhas Geórgia do Sul são um conjunto de ilhas sob administração do Grã-Bretanha, reivindicadas pela Argentina, localizadas no sul do Oceano Atlântico.

⁷ Em relação as datas existem controvérsias quanto a separação do grupo. Na internet após consultar no site “wikipedia.org” está fevereiro de 1884 e no prefácio do livro “Entre os aborígenes do Brasil Central”, está escrito que chegou a capital do Uruguai em setembro de 1883.

⁸ O rio Pilcomayo ou Araguay é um extenso rio que nasce nas cordilheiras orientais do planalto boliviano, a 3 900 m de altitude, fluindo grande parte do seu curso entre a Argentina e Paraguai e separando as regiões de Chaco Boreal a norte e Chaco Central a sul.

Thouar⁹ (1793-1864) percorreu este rio primeiro, então, von den Steinen ficou com a segunda opção, de conhecer e documentar o rio Xingu das cabeceiras até a sua foz, pois, até aquele momento, não havia informações de que algum branco tivesse o percorrido até suas nascentes. As informações que ele tinha sobre o rio Xingu eram muitas, as quais vão aparecendo no decorrer da pesquisa numa forte demonstração que Karl von den Steinen almejava mesmo conhecer o rio Xingu. Expedicionar pelo Xingu das cabeceiras até a foz o daria credibilidade, além de conseguir um vasto material etnológico, pois era de conhecimento no meio acadêmico que haviam muitos grupos étnicos na região. Este material era ambicionado pelos pesquisadores que vinham para o Brasil. Estávamos num período em que as expedições focavam muito os objetos e artefatos de cunho etnológico, que serviria para abastecer museus europeus, a qual eles estavam vinculados. Havia naquele período na Alemanha ambiente propício para a realização de expedições de caráter científico.

1.3 Ambiente na Alemanha em relação as expedições científicas e produção etnológica na América do Sul:

Como diz Sebastian Drude (1998), no seu artigo “A contribuição alemã à linguística e antropologia dos índios do Brasil, especialmente da Amazônia”, a Alemanha nunca teve colônia nos trópicos sul-americanos, mais fizeram presença em relação as pesquisas científicas. No Brasil, as cabeceiras do rio Xingu foram alcançadas por um “branco” porque um pesquisador alemão se empenhou em organizar uma expedição até elas. Depois desta, outras seguiram no seu encalço. Foram quatro expedições de alemães à região das nascentes do rio Xingu. Karl von den Steinen realizou duas, a primeira em 1884 e a segunda em 1887, Hermann Meyer, nos anos de 1896 e 1899, e Max Schmidt entre 1900 a 1901 desenvolveu pesquisas junto aos grupos que habitavam o Alto Xingu. Estes expedicionários tinham vínculo com o Museu de Etnologia de Berlim.

Outros alemães estiveram no Brasil em épocas anteriores. Quem deles primeiro fez registro sobre o que ainda nem era Brasil foi Hans Staden (1525 – 1579), que em 1548 e 1549 esteve em terras brasileiras participando de combates nas capitanias de Pernambuco e São Vicente,

⁹ Abel Aubert du Petit-Thouars ou também Abel Aubert Dupetit Thouars (Turquant, 7 de Agosto de 1793 --- Paris, 16 de Março de 1864) foi um alto oficial da marinha, botânico, explorador e político francês.

onde ficou prisioneiro dos Tupynambás. De volta a Alemanha escreveu “Duas viagens ao Brasil”, publicada originalmente em 1557. Foi o primeiro livro impresso que falou sobre o Brasil e é considerado um dos mais importantes documentos sobre o Brasil Colônia. É um relato de suas viagens ao Brasil, que se tornou um grande sucesso editorial da época. Apesar da importância dos registros de Hans Staden, ele não era pesquisador e sim mercenário.

Apenas no século XVIII é que pesquisadores alemães começam a vir para o Brasil. Entre os primeiros, está o príncipe Maximilian zu Wied Neuwied (1782 – 1867), com formação em zoologia. Ele foi o primeiro cientista a visitar o país entre os anos de 1815 a 1817, porém não foi à região amazônica, como era de praxe entre os pesquisadores naquele período. Ele se dedicou-se a estudar os grupos indígenas: Pataxós, Maxacari, Kamakan, Koroados e Botocudos que moravam na região leste do Brasil.

Os pesquisadores alemães que tiveram maior visibilidade e influenciaram uma gama de outros pesquisadores foram Carl Friederich Phillipp von Martius e seu companheiro de trabalho Johann Baptist von Spix. Eles faziam parte da comitiva que trouxe a futura imperatriz do Brasil, Dona Leopoldina, permaneceram por três anos (1817 – 1820), conhecendo grande parte do território brasileiro e, por causa disso, tornaram-se referência para muitos alemães que desejavam vir para o Brasil. O livro “Viagem pelo Brasil” é o relato do período que estiveram por aqui e Karl von den Steinen utilizou-se destes relatos e de outros que apareceram no decorrer da pesquisa sobre sua expedição.

Dois outros pesquisadores nascidos na Alemanha que desenvolveram estudos em áreas diferentes e influenciaram outros pesquisadores foram os irmãos: Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt, o barão de Humboldt (1769 – 1859), conhecido como Alexander von Humboldt e o linguista Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand (1767 – 1835). Alexander realizou viagens pela América Central e do Sul e Ásia Central e se correspondeu com outros cientistas através de 35 mil cartas. Sua principal obra é o Kosmos, uma condensação do conhecimento científico de sua época. Seu irmão, era linguista e influenciou o estudo da linguagem em diversos países. A maior representação dos Humboldt é a Fundação da Real Academia Prussiana de Ciências de Berlim, o qual apoiou a segunda expedição de von den Steinen ao Xingu. No prefácio “Entre os aborígens do Brasil Central, escrito em outubro de 1893, von den Steinen agradece os “auxílios consideráveis” que foi beneficiado. Além da Fundação Humboldt, Karl

von den Steinen também teve apoio da Fundação Karl Ritter, para sua expedição ao Xingú.

1.4 O Brasil e as expedições científicas

Não é exagero dizer que as terras brasileiras sempre atraíram viajantes. Navegar pelos rios, andar pelas matas e ter contato com os grupos indígenas era fascinante e muitas pessoas vieram para o Brasil com a finalidade de explorá-lo cientificamente ou de cristianizar os índios, como foi o caso dos jesuítas. O certo é que, por causa destas viagens, muitas crônicas e relatos foram escritos.

Até 1808, o Brasil colônia estava praticamente fechado para o mundo. Os religiosos por estarem ligados a coroa portuguesa tinham acesso e produziram seus relatos, suas crônicas e desenhos, registrando o que havia no país. Em 1808, com a vinda da família real portuguesa, os portos brasileiros foram abertos as “nações amigas” pelo rei Dom João VI, rei de Portugal e do Brasil colônia, depois de ter rompido com Napoleão trouxe a corte para o Brasil. Além de abrir os portos brasileiros para as “nações amigas” Dom João VI, criou instituições voltadas ao estudo científico, cultural e artístico. Neste período também foi criado na cidade do Rio de Janeiro, capital do império, o Jardim Botânico, além da criação de diversas sociedades e academias dedicadas aos estudos científicos, literários e artísticos, como a Real Sociedade de Bahiense dos Homens de Letras, o Instituto Acadêmico das Ciências e das Belas Artes, a Academia Fluminense das Ciências e Artes, a Real Biblioteca, o Museu Real, Teatro Real de São João. Dom João VI apoiou a vinda da Missão Artística Francesa, o qual embasou a criação da Escola Real de Ciências Artes e Ofícios, que foi substituída pela Academia Imperial de Belas Artes. Essas instituições foram capazes de atrair pesquisadores ao Brasil.

1.5 Dona Leopoldina, e seus expedicionários

Ainda no reinado de Dom João VI, vamos assistir à intensificação de expedicionários que vinham para o Brasil, e depois, com a chegada de Dona Leopoldina, houve um congestionamento de expedicionários austríacos e alemães. A história dessa mulher inicia em Viena, onde nasceu em 1797, filha de Francisco I da Áustria e Maria Thereza de Nápoles e Sicília. Desde cedo se envolveu em estudos sobre botânica, fauna e minerais, e o Brasil era rico para estes estudos. A biografia da Imperatriz Leopoldina, escrita por Joanna Prantner, mostra que ela tinha como ocupação o estudo das Ciências Naturais e a leitura

dos viajantes. Quem intermediou o casamento dela com Dom Pedro I foi o marquês de Marialva, que quando a visitou a encontrou rodeada de mapas e livros que abordavam a história do Brasil. Quando ela veio para o Brasil, trouxe 42 caixas com o seu enxoval, sua biblioteca, suas coleções, os presentes e sua comitiva particular, que poderia ser considerada uma grande contribuição científica.

No artigo “A contribuição da Imperatriz Leopoldina à formação cultural brasileira (1817 – 1826), de Miranda (2005), chama a atenção pela quantidade de cientistas que vieram junto com a futura imperatriz. A sua comitiva particular era destaque, além das três damas e um secretário particular, faziam parte da sua comitiva um bibliotecário, um mineralogista (Roque Schuch), seu médico João Kammerlacher que era naturalista, o professor de pintura e pintor de flores, plantas e paisagens, Sr Frick e, também, Franz J. Frubeck, que era pintor e auxiliava o Dr. Schuch.

Além desses, que acompanharam a futura imperatriz do Brasil, foi organizada uma missão de notáveis cientistas, que fizeram parte desta comitiva, o que demonstra que Leopoldina trouxe consigo um séquito de homens ligados as ciências naturais. Dr. Karl von Scheibes, então diretor do Museu de História Natural em Viena, foi quem organizou a referida missão, recebendo ordens do Chanceler Metternich (1773 – 1859) de escolher os cientistas. Assim, fizeram parte desta missão o professor Joao Cristiano Mikan, botânico na cidade de Praga, chefe desta missão. Havia também o médico dr. Joao Emanuel Pohl, botânico e mineralogista, João Natterer, zoólogo do Museu de História Natural; Thomas Ender, paisagista; Joao Buchberger, especializado em pintar plantas e flores; o jardineiro Henrique Guilherme Schott, e o caçador imperial Domingos Sochor. Além deles fizeram constar nesta missão aquele que seria considerado o maior entendido em assuntos brasileiros, o naturalista Karl Friendrick von Martius, que era pertencente a corte da Baviera. A vinda deste naturalista foi intermediada pelo príncipe Maximiliano I. Também fez parte desta missão o botânico Giuseppe Raddi, que era da Toscana, região da Itália central. Todos estes cientistas desenvolveram trabalhos relacionados a sua área de atuação, e quando retornaram para a Europa divulgaram seus estudos e outros cientistas vieram no encalço.

No período do reinado de Dom Pedro II houve uma intensificação da vinda destes cientistas ao Brasil. Dom Pedro esteve no poder de 1840 a 1889, e era conhecido como amante das artes e da ciência e por causa desta paixão não mediu esforços para que em seu governo tivesse instituições ligadas a pesquisa. O Instituto Histórico e Geográfico

Brasileiro (IHGB) é uma destas instituições, criado em 21 de outubro de 1838, do qual Dom Pedro foi presidente, até seu exílio em 1889. O objetivo do IHGB era reunir e publicar documentos relevantes para a história do Brasil e incentivar os estudos de natureza histórica e geográfica. Karl von den Steinen divulgou seus trabalhos nesta instituição.

1.6 O apoio brasileiro as expedições científicas.

Como já ressaltado era costume do Governo brasileiro apoiar a vinda de pesquisadores do continente europeu. Quando a família real portuguesa veio para o Brasil, Dom João VI abriu os portos brasileiros as nações amigas e a partir de então intensificou a vinda de pesquisadores para o Brasil. No reinado de Dom Pedro II (1825-1891), que era o quarto filho da imperatriz Leopoldina e de Dom Pedro I, foi intensificado o apoio a projetos de pesquisa e o financiamento de cientistas. Entre os cientistas financiados estava novamente Carl Friedrich Philipp von Martius. Quando vinham para o Brasil, eram cercados de outros cientistas que formavam comitivas; e, quando retornavam para a Europa, divulgavam seus trabalhos através das coleções, livros e palestras aguçando o interesse de outros cientistas. Foi o que ocorreu com Karl von den Steinen, que se interessou por assuntos brasileiros através dos livros publicados por estes cientistas e as pelas palestras ministradas principalmente por Spix e Martius. Como exemplo deste apoio está o próprio Karl von den Steinen, quando este e comitiva estavam na Argentina o ministro alemão de Buenos Aires, Sr. Barão de Holleben lhe prestou apoio. No Brasil, o Sr. Cavalcante Lacerda, que era o encarregado de negócios brasileiros, assegurou a escolta militar juntamente com o Presidente da Província do Mato Grosso. O Senhor Barão de Batovi se dispôs a auxiliar o grupo quando estes estavam em Cuiabá. Foram também acolhidos pelo cônsul alemão, que prestava serviços na região do rio Amazonas, o Sr. Le Maistre Depois de concluída as expedições. Além disso, várias pessoas do mundo acadêmico a qual Karl von den Steinen estava vinculado auxiliaram na organização do material etnográfico.

2. AS EXPEDIÇÕES DE KARL VON DEN STEINEN

Este capítulo tem o objetivo de olhar para expedição de Karl von den Steinen realizou pelo rio Xingu de sua nascente até a foz. Este rio, cheio de peculiaridades, era citado em trabalhos acadêmicos, todavia pouco conhecido pelos naturalistas que tinham o hábito de vasculhar que até então percorriam o território brasileiro. Assim mostraremos como se deu a expedição que descobriu as nascentes deste volumoso rio, que tem seu início no Mato Grosso e literalmente, transforma-se num mar água doce ao adentrar o estado do Pará:

2.1 O viajante naturalista Karl von den Steinen pelo Brasil

Ao falar desta expedição é necessário antes qualificá-la e partir da classificação estabelecida por João Pacheco Oliveira, no seu artigo “Elementos para uma sociologia dos viajantes”, que distinguia os viajantes em três tipos.

1.O primeiro, são aqueles viajantes que não se empenham em realizar viagens individuais, mais sim, organizam “comissões científicas”, e para ser considerada “comissão científica” é necessário ter um conjunto de especialista em diferentes ramos da ciência. Cada membro da expedição exerce funções de acordo com sua especialidade Pelo trabalho e posição que ocupa, Karl von den Steinen fez com que ele circulasse muito bem entre os três tipos de viajantes apresentados.. No caso Karl von den Steinen, Otto Clauss e Wilhelm von den Steinen, exercem a função de: médico e etnógrafo, geógrafo e desenhista.

2. O segundo tipo apresenta como características “as viagens e o abastecimento de bens simbólicos em termos de coleções de história natural e de livros de viagens” (Oliveira, 1989, pág 30). As expedições de von den Steinen receberam o apoio da Sociedade de Geografia de Berlim, da Fundação Karl Ritter e da Fundação Humboldt da Real Academia Prussiana de Ciências de Berlim. Além dos materiais recolhidos, houve a publicação dos livros já citados. Todo o material adquirido durante as expedições foi destinado ao Museu Etnológico de Berlim

3. Karl von den Steinen também configura no terceiro tipo de viagem que tem como função realizar levantamentos das características geográficas do lugar e recursos econômicos. Observando a tipificação dos viajantes, Karl von den Steinen transita com por estes três tipos de viajantes naturalistas.

O rio Xingu é um dos principais afluentes do rio Amazonas, e na época sua foz era bem documentada e acessível para pesquisas, mas quando se procurava algum documento referente as nascentes elas não eram encontradas. Por isso, Karl von den Steinen organizou a expedição e foi descobrir onde ficava a nascente daquele “caudaloso rio, que despejava um mar de água doce no rio Amazonas”. Era assim que foi descrito o Xingu nas crônicas e relatos pesquisados.

Apesar das controvérsias, suscitadas principalmente pelo Senhor Pimenta Bueno (1803 - 1878), sobre o fato de Karl von den Steinen, e comitiva ter sido, o primeiro ou não a percorrer o rio Xingu, o certo é que ele foi o primeiro a documentar de forma primorosa a região das nascentes do referido rio. Quando se tem acesso aos livros “O Brasil Central” e “Entre os aborígenes do Planalto Central”, que são os resultados das expedições, observa-se os cuidados em relatar os pormenores. A sua trajetória científica iniciou quando saiu da Alemanha com seu primo Wilhelm von den Steinen (German, 1859), o desenhista da expedição que retratava, os lugares que percorreu, a fauna, a flora, e os objetos de caráter etnológicos recolhidos nas aldeias. Por onde passava, retratava as pessoas. Além de Karl von den Steinen e seu primo, fazia parte do grupo o geógrafo e astrônomo Otto Clauss¹⁰.

O objetivo da expedição de 1884 era percorrer o rio Xingu, visando descrever as terras, os rios, a fauna, a flora e os grupos indígenas que habitavam aquelas paragens. Era algo que na época permeavam as expedições, conhecer outros lugares, observando o meio e adquirindo peças que fariam parte de alguma coleção etnológica. Esteve em voga naquele período o colecionismo, ou seja, sair à procura de todo e qualquer objeto que representasse o lugar por onde a expedição passasse e destiná-la a algum museu. Foi o que ocorreu com esta expedição de von den Steinen, que destinou todos os objetos recolhidos durante a viagem ao Museu Etnológico de Berlim¹¹.

Antes de iniciar a expedição, Karl von den Steinen pesquisou sobre o rio Xingu e o resultado desta pesquisa encontra-se no primeiro capítulo do livro “O Brasil Central”, que é baseado em documentos

¹⁰ Foram realizadas pesquisas, para saber o ano do nascimento e do falecimento, todavia não foram encontrados.

¹¹ O Museu Etnológico (*Ethnologisches Museum*) é um museu integrado às Coleções Estatais de Berlim, na Alemanha. Possui um enorme acervo de cerca de 500 mil itens, entre objetos, fotografias e documentos de caráter etnológico e topográfico de várias regiões, com ênfase nas culturas pré-industriais extra-europeias, sendo o maior em seu gênero em todo o mundo.

encontrados nas bibliotecas da Alemanha e Holanda. Nas pesquisas realizadas, ele soube que o Xingu não era conhecido com este nome, mas sim *Paranaíba*, termo que os nativos falavam, que significa “*rio claro*”, abundante em água, cuja foz alcança a largura duas léguas. Conforme citado anteriormente, foram os jesuítas que percorreram inicialmente este rio, e coube a Christoval Acunã (século XVI), padre jesuíta espanhol, a descrevê-lo quando participou em 1637 de uma expedição. Ele descreveu o Xingu como sendo pelo lado sul “um esplêndido rio que é tão abundante de águas que vem pagar tributo ao rio principal com uma foz de duas léguas de largura. Os nativos denominam-no Paranaíba. Perto da embocadura do rio, existem algumas colônias de índios mansos, que se acham sob o domínio dos portugueses. Também moram no interior muitas outras tribos, insuficientemente conhecidas, cujo número nos dá ideia a extensão do rio”. (p. 25)

Nos mapas que von den Steinen teve acesso de expedições anteriores nas referências ao rio Xingu como afluente da margem direita do rio Amazonas, e foi diante destas informações e as dúvidas que surgiram, que ele viu a possibilidade de pesquisar novas frentes pouco conhecidas. Tomou como ponto de partida para adentrar ao Brasil Central, a foz do rio La Plata,¹² que fica em Montevidéu, capital do Uruguai. Karl von den Steinen explicou em seu livro, além de outras coisas, que o planalto matogrossense enviava quatro afluentes importantes para o Rio Amazonas, entre os rios estava o Xingú.

Durante as suas pesquisas descobriu que o rio Xingu tinha sua nascente na região norte do estado do Mato Grosso. Naquele período era conhecido como a província do Mato Grosso, a qual abrigava “grande espinhaço” de onde se despejam muitos rios em todas as direções. Era este o “espinhaço” que almejava alcançar. Muitos expedicionários estiveram na região Amazônica, pesquisando rios, fauna, flora e grupos indígenas, estando o Xingu entre os rios pesquisados. Entretanto os estudos se restringiam a sua imensa foz, ficando suas nascentes pouco conhecidas. Pimenta Bueno questionava esta afirmação, e ele tinha

¹² O Rio da Prata é o estuário criado pelos rios Paraná e Uruguai, formando sobre a costa atlântica da América do Sul uma *muesca* triangular de 290 quilômetros de largura. A bacia hidrográfica combinada do Rio da Prata e seus afluentes (os rios Lujan, Matanza, Samborombón e Salado do Sul) possui uma superfície de aproximadamente 3 200 000 km².

razão¹³. Nas suas pesquisas em Cuiabá, ele encontrou um mapa mostrando onde ficava as nascentes do rio Xingu, embora ele não tenha especificado quem desenhou o mapa.

2.2 As diferentes denominações do rio Xingu

Nas crônicas e nos mapas o rio Xingu aparece como grande afluente do rio Amazonas, chamando a atenção dos que percorriam o rio. Não foi apenas Christoval Acuna que o mencionou como o “rio Claro”, mas também outros expedicionários que não apenas descreviam a fauna e flora envolvente, mas documentavam tudo o que avistavam. Karl von den Steinen escreveu que as informações obtidas se encontravam nos atlas, entre eles o Jansson¹⁴, que apareceu em Amsterdam, capital da Holanda, no ano de 1666, e estava muito bem desenhado. Nele, o Xingu aparecia como afluente da margem direita do rio Amazonas, com seus 1979 km de extensão até a foz. O Xingu é um dos maiores rios que desaguam no Amazonas, por causa do seu volume de água chamou a atenção dos expedicionários. Entre os expedicionários que descreveram o rio Xingu, está Mauricio de Heriarte¹⁵ (1662/67), que informou o comprimento, bem como o que tinha ao seu redor. Iniciava sua descrição:

Doze léguas para o lado ocidental de Corupá, o rio paranaíba é abundante, com o clima quente, um tanto nocivo à região. É muito povoado pelos guaiques, carruas, jurunnás, cuanis e outras tribus. As suas margens fornecem inúmeras qualidades de madeiras: cuturas, pinimas, cedros, loureiros, piquis, piquianas e muitas castanhas, que crescem sobre as montanhas e têm melhor sabor que as nozes e as amendoas, o rio é verdadeiramente opulento em víveres de caça e pesca, que constituem a ocupação natural dos índios. Há enorme quantidade de tartarugas. No interior

¹³ Considerações sobre a exploração do Xingu em resposta as observações pelo Sr. Dr. Francisco Antônio Pimenta Bueno, em sessão de 29 de março de 1887, realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

¹⁴ Johannes Janssonius (1588, Arnhem – falecido em 11 julho de 1664, Amsterdam. Era um Cartografo editor que viveu e trabalhou em Amsterdã no século 17.

¹⁵ Maurício Heriarte, cronista que participou da expedição de Pedro Teixeira, esta expedição deu início em 1637.

vêm-se várias serras que não são muito altas, quando se refere ao interior não específica se é em direção as nascentes ou pelas margens e conclui se referindo a água que é bastante límpida, mas pesada, ao passo que as águas do Amazonas apesar de conterem muita lama são saborosas e tidas como as melhores da região por transportarem o grande produto de suas margens, a salsaparrilha¹⁶. (HERIARTE, 1662/67)

Outro fator que chamou a atenção foi que na região das nascentes não há presença de castanha, estas eram encontradas em abundância apenas no estado do Pará, e também de que não havia as madeiras especificadas acima (STEINEN, 1942b, p. 25).

Outro mapa que deu subsídio a Karl von den Steinen foi o do padre Samuel Fritz (1654-1725)¹⁷, encontrado em 1700. Nele, o rio Xingu é denominado de “*rio Aoripana*” e descrito como sendo um pouco mais longo que o Tapajós, atingindo 8º de latitude sul. À direita, mais ou menos, a 1ª parte da embocadura, encontra-se uma aldeia que se chama Xingu. É por causa desta aldeia que o rio ficou conhecido. A povoação ficava situada na foz do rio Parú, que fica em frente ao Xingu (STEINEN, 1942b, p. 25). Os expedicionários que percorreram o rio antes de Karl von den Steinen, registraram todos os pontos que alcançavam e fazia constar nos mapas. Por exemplo, o mapa de Guillaume de l’Isle (1625–1726)¹⁸, encontrado também em Amsterdam em 1731, se refere ao rio Paranaíba, atingindo 13 graus, enquanto o rio Tapajós, que era conhecido como “Tapayosos”, chegava até 11 graus. Para Karl von den Steinen, esta descrição não era minuciosa, porém faz alusão aos pequenos afluentes. Neste mapa tem uma nota importante sobre o rio: “O rio Paranaíba é um dos maiores de toda América do Sul e recebe trinta afluentes

¹⁶ Salsaparrilha é o nome comum dado a diversas plantas trepadeiras (lianas), na sua maioria do gênero *Smilax*

¹⁷ Samuel Fernandes Fritz (Trutnov, República Tcheca, 9 de abril de 1654 - Jeberos, Peru, 20 de março de 1725) foi um padre missionário da Companhia de Jesus e cartógrafo à serviço da Espanha, tendo tido um papel fundamental na catequização de vários povos indígenas nas várzeas do alto rio Solimões, além de ter sido um dos grandes críticos à expansão portuguesa na região amazônica espanhola durante o século XVII.

¹⁸ Guillaume Delisle, também grafado como Guillaume de l’Isle (Paris, 28 de fevereiro de 1675 - Paris, 25 de janeiro de 1726, foi um cartógrafo e geógrafo francês .

importantes”. Embora afirma esta quantidade de afluentes, não especifica se é em toda a sua extensão ou apenas na região de sua desembocadura.

O termo Xingu, foi encontrado pela 1ª vez na crônica do jesuíta Bettendorf (1625-1698)¹⁹ entre os anos de 1661 e 1694, sendo que esta crônica que foi encontrada na Província do Maranhão. Diante dos dados pesquisados, observa-se que Karl von den Steinen tinha interesse em percorrer o rio Xingu e para isto realizou todos os levantamentos possíveis. Quando iniciou a sua expedição estava bem respaldado.

Outro aspecto a chamar a atenção é a forma como se escrevia a palavra “Xingu” foneticamente. Em um atlas americano escrevia-se Zingu, os franceses Chingu, os ingleses Shingu, os portugueses Xingu, em alemão Karl Von Den Steinen considerou que o correto era Schingú. É importante salientar que este rio assumiu destaque em relação aos outros rios, por ser um dos maiores afluentes do rio Amazonas e, provavelmente, devido a sua foz ser tão peculiar. Superava o rio Tapajós em informações, conhecido até a latitude 11°, enquanto o Xingu ou Paranatinga ia até a latitude 18°. Naquela época este era também conhecido por Paranatinga, e existia confusão entre estes rios, principalmente, por correrem paralelamente. Esta informação foi colhida no mapa de Hoffmann (1664-1724)²⁰, de 1796. Os mapas disponíveis para consulta vão informando e fazendo referências a outros rios que são afluentes do Xingu. E um desses mapas faz menção ao rio Fresco, que fazia fronteira entre os estados do Pará e Mato Grosso. Este rio não foi localizado na época da expedição. As informações prestadas através de crônicas e mapas foram dadas por missionários jesuítas que perambulavam pela região no período eles faziam trabalho de conversão religiosa.

2.3 O trabalho dos jesuítas como fonte de informação

A crônica de Bettendorf²¹, além de se referir ao rio Xingú, enaltece também as águas cristalinas e acrescenta que têm um caráter

¹⁹ João Felipe Bettendorf (Lintgen, Luxemburgo, 25 de agosto de 1625 — Belém do Pará, Brasil colônia, 5 de agosto de 1698) foi um religioso jesuíta destacada atuação como missionário na Amazônia durante a época colonial.

²⁰ Johann Baptist Homann (20 de março, 1664 - 01 de julho de 1724) foi um alemão geógrafo e cartógrafo que também fez mapas das Américas.

²¹ João Felipe Bettendorf (Lintgen, Luxemburgo 25 de agosto de 1625 — Belém(PA), 5 de agosto de 1698 foi um religioso jesuíta de destacada atuação como missionário na Amazônia.

terapêutico, principalmente, para aqueles que sofrem de cálculos renais. Celebra a beleza e a fertilidade de suas margens. Enquanto coletava informações sobre o rio Xingu, Karl von den Steinen deparou-se com a crônica do padre Luís Figueira²² (1574 ou 1576), que se referia ao Xingú como um lugar onde habitam diversas tribos da língua geral²³. Foi este padre que registrou nas suas crônicas o encontro com os grupos étnicos denominados “jurunnas, nhuunas, guayapiz e alguns pacajaz”. Outro que dedicou a pesquisar sobre o rio foi o padre Antônio Vieira²⁴ (1608-1697), que enviou uma missão para atuar junto a estes grupos, encontrados pelo Padre Luís, porém não obteve sucesso com este trabalho. Em 1655, o padre Manoel de Souza (1786-1863) iniciou com êxito a conversão dos “yurunas”,

O padre Antônio Vieira refere-se ao missionário Manoel de Souza como o “anjo da paz”, que não catequisou mais índios, porque foi destinado a outra missão (idem, ibidem, p. 27). Estes missionários que escreveram sobre o Xingu eram da Ordem Jesuítica que foram expulsos do Brasil pela primeira vez em 1661. Quando retornaram, redobram sua área de influência, não somente acima como acontecia antes da expulsão, mas também abaixo da curva do rio, um lugar, como eles citaram, cheio de cataratas. Por causa da curva e das cataratas foi aberta uma estrada pela floresta (idem, ibidem, p. 27).

Outro padre que forneceu informações importante para a expedição de von den Steinen foi Rochus Hundertpfund (1709-1777), que percorreu parte do curso superior do rio Xingu, provavelmente no ano 1750. No seu texto, Karl von den Steinen, não sabe informar até que altura do rio o padre foi, apenas que a viagem ocorreu entre os anos de 1742 a 1746, e que o padre desenvolveu atividades missionárias no rio Madeira, grande afluente do rio Amazonas. O Missionário que aqui estava antes da expulsão dos jesuítas em 1661 foi Laurentius Kauleu, oriundo da cidade de Colônia, na Alemanha. Ele se estabeleceu num lugar denominado Pombal, onde construiu uma elegante casa e por causa desta construção e da sua presença na região sua memória foi perpetuada entre

²² Luís Figueira (1574 ou 1576, Almodovar, Portugal - outubro de 1643, Ilha de Joanes, Brasil colônia), foi um padre jesuíta de destacada atuação no Brasil colonial. Foi autor de uma das primeiras gramáticas da língua TUPY, denominada *Arte da Lingua Brasilica*.

²³ O dialeto TUPY.

²⁴ Antônio Vieira (Lisboa, 6 de fevereiro de 1608 — Salvador, 18 de julho de 1697), mais conhecido como Padre Antônio Vieira ou Padre Antônio Vieira, foi um religioso, filósofo, escritor e orador português da Companhia de Jesus.

os habitantes do lugar. Quando a expedição de Karl von den Steinen passou, ainda se falava sobre o padre (*idem, ibidem, p. 27*).

Havia um temor dos viajantes em relação aos índios. O padre José de Moraes escreveu uma crônica em 1759²⁵, na qual se referia as tribos dos índios Jurunas como selvagens, comedores de carne humana. Por causa do medo destes, evitou-se a penetração para o sul, ou seja, a região das nascentes do rio Xingu, de modo que os conhecimentos iam até o 4º grau, onde ficava, até a grande curva (STEINEN, 1942b, p. 27). Esta curva e as corredeiras foram considerados empecilhos para a navegação deste rio durante muito tempo.

O certo é que tanto as crônicas, como os mapas relatam que sempre houve forte presença de alemães no Xingu e adjacências. O padre Rochus Hundertpfund teve como seu sucessor o Príncipe Adalbert von Preussem (1884-1948), que veio ao Brasil no ano de 1843, inaugurando assim, uma nova fase nas expedições, que vinham para o país. Primeiramente foram os missionários que vieram com o objetivo de catequisar; depois os pesquisadores e militares, como era o caso do príncipe, que também era almirante da frota prussiana, estado este que fazia parte dos estados soberanos que em 1871 formou o estado alemão. O Príncipe Adalbert viajou para o Brasil em setembro de 1842, e sua expedição se desloca para a região amazônica, seguindo pelo Xingu acima, conseguiu alcançar uma povoação indígena conhecida como Piranhacoara (4º,5,1'). As informações trazidas foram tão relevantes, que passaram a constar nos mapas oficiais do governo brasileiro.

Segundo Karl von den Steinen, os nativos ainda lembravam do príncipe Adalberto quando este passou por lá. O príncipe se fez acompanhar pelo Conde Bismark-Bohlen (1818-1894)²⁶, que era chefe da armada alemã e a presença destes ilustres alemães percorrendo o rio Xingu numa canoa fabricada pelos nativos, transformou-se numa lenda. Todos que passavam pelo lugar sabiam destas histórias. As informações prestadas pelo príncipe ao governo da Província do Pará, como resultado da viagem realizada ao rio Xingu, foram divulgadas em 1844 através do relatório afirmando que considerava plausível a comunicação entre as províncias do Pará e Mato Grosso. Registrava que os índios e as correntezas não deveriam dificultar a navegação sobre o mesmo, porém soube mais tarde que haveria sim dificuldades em navegar pelo rio

²⁵ História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará (1759).

²⁶ General Prussiano da cavalaria é um político da Alemanha.

(STEINEN, 1942b, p. 28). As corredeiras e as curvas dificultaram a navegação e o Xingu foi preservado.

O trabalho desenvolvido pelos missionários jesuítas que foram fonte preciosa de informação para Karl von den Steinen, principalmente no que concerne aos grupos indígenas existentes na região, identifica língua e costumes, o que auxiliou e muito os trabalhos de outros expedicionários. Porém essas fontes jesuíticas não indicavam onde estes grupos ficavam, as cachoeiras e as curvas que são muitas, bem como a fauna e a flora do rio Xingu. O mesmo trajeto foi percorrido pelo o engenheiro Oliveira Pimentel²⁷ no ano de 1872²⁸, quando examinou o curso inferior do rio do Xingu, limitando-se a região de 3°,30' de latitude sul, isto é, a um grau inferior ao alcançado pelo príncipe alemão (STEINEN, 1942b, p. 28). E o Xingu, ao que se sabe, ficou conhecido até a curva, mais conhecida como “VOLTA”²⁹. Até esse ponto, o rio era muito bem conhecido e explorado. Porém uma pergunta pairava no ar onde nasce o Xingu?

2.4 A procura nos mapas das nascentes do Xingu

Antes de iniciar a expedição, Karl von den Steinen ateu-se aos mapas geográficos da região matogrossense e observou que eles forneciam dados pormenorizados sobre as fontes do rio. Porém não havia concordância entre eles, e acrescentou que enquanto a região das nascentes do Xingu era desconhecida, a região vizinha era palmilhada e explorada. A região entre os rios Araguaia e Tapajós era desconhecida justamente onde encontrava-se o rio Xingu. Havia muita confusão em relação as nascentes. Nos mapas pesquisados existiam inúmeras nascentes conhecidas e identificadas pelos nomes: ”Paranaxingu, Xanaci, Maceió, Trubarío, Paranatinga, rio dos Bois, Jangada, rio dos Baccahrys, etc” (STEINEN, 1942b, p. 29).

²⁷ Adriano Xavier de Oliveira Pimentel, coronel do exército, estava vinculado ao 13º Grupo de Artilharia de Campanha (jornal agricultor 1879- 1894) e Diário oficial 1892 - 1900

²⁸ Karl von den Steinen, no livro “O Brasil Central” não especificou o mês que o engenheiro Oliveira Pimentel percorreu o Xingu. Bem como não especificou detalhes da vida do engenheiro.

²⁹ A Volta Grande do Xingu, uma queda de 96 metros onde o rio quadruplica e largura e forma diversas cachoeiras e ilhas, local que é chamado de “fall line” (linha de queda) sul-amazônica, nada mais é do que o ponto de encontro de um relevo cristalino, portanto, duro, com outro sedimentar, menos duro. (ISA)

As controvérsias em relação as nascentes, contudo, foram se ajustando. Mapas que andavam pelos arquivos de Cuiabá foram encontrados por Karl von den Steinen, durante o período em que esteve naquela cidade. Ele encontrou mapas que mostravam onde encontrava-se as nascentes do Xingu, porém não informava quem descobriu as nascentes. O que dava credibilidade a Pimenta Bueno, quando ele afirmava que as nascentes do rio já tinham sido descobertas. Coube ao Augusto Leverger o Barão de Melgaço (1802-1880)³⁰, encontrar um desses mapas e se certificar que o rio Paranatinga nada tinha a ver com o Xingu. Foram tantas controvérsias diante da questão que, em 1771, ‘a “Câmara de Cuiabá” se manifestou a respeito do rio Paranatinga e, em seguida, enviou expedições para ter informações detalhadas sobre este rio, que desaguava no rio São Manoel e, por fim, no Tapajós. Em relação ao Xingu, todavia a confusão continuava; não haviam documentos em relação a origem e o curso superior do rio Xingu era uma incógnita (STEINEN, 1942b, p. 29).

Ressalta-se que os índios que viviam na região percorreram o rio Xingu, entretanto não produziram documentos a respeito da viagem. Entre quem foi o primeiro a percorrer e a documentar o rio Xingu, não se chegou a um acordo. Todos sabiam que o Xingu tinha sido percorrido até a latitude 15°, porém não sabia quem tinha realizado o feito. Até chegar na grande curva era uma incógnita. Entre estes dois pontos não haviam documentos que informassem quem foram os expedicionários. Essa falta de informação atiçava a curiosidade de todos e, principalmente Karl von den Steinen, projetou a expedição com o objetivo de encontrar as cabeceiras e desfazer as dúvidas em relação as nascentes do Xingu.

Havia muita confusão entre o rio Paranatinga e o Xingu, já que correm paralelos. Houve informações que o tenente de milícias Antônio Peixoto de Azevedo percorreu o Paranatinga e não o Xingu. Até mesmo o príncipe Adalbert quando esteve aqui tentou solucionar a questão, dizendo que:

não se têm também notícias de viagem alguma feita pelo tenente, desde a sua nascente até a foz, com exceção única de um tenente da milícia, que no ano de 1819 saiu de Cuiabá, navegando pelo rio, até Porto de Moz. (STEINEN, 1942b, p. 33)

³⁰ O almirante Augusto João Manuel Leverger, primeiro e único barão de Melgaço (Saint-Maio, 30 de janeiro de 1802 — Cuiabá, 14 de janeiro de 1880).

Todavia nenhum documento foi encontrado sobre a referida expedição.

2.5 A Edflica cidade de Cuiabá

Antes de iniciar sua empreitada pelo rio Xingu, Karl von den Steinen passou um bom período em Cuiabá, então capital da província do Mato Grosso. No seu livro registrou o seu olhar de viajante para aquelas terras e também para o povo. A peculiaridade do seu olhar me chamou a atenção durante a leitura dos dois livros em que narra as duas expedições, que realizou. “O Brasil Central” e “Entre os povos nativos do Brasil Central”. Nele, ele registra o clima de desconfiança que surgiu entre ele e os nativos, no caso os cuiabanos, pois antes de iniciar a viagem teve que manter contato com autoridades e se viu obrigado a permanecer em Cuiabá por mais tempo, e a lidar com paciência com a maneira como as pessoas agiam em relação a expedição. Enquanto ele queria agilidade, o mesmo não ocorria com os cuiabanos, deixando-o irritado. Mesmo com a desconfiança e a irritabilidade, mantinha uma relação de civilidade e entrosamento. Referia-se as terras do Mato Grosso como “abençoada” e o povo “alheio ao progresso” (idem, *ibidem*, p. 46). Dessa estada em Cuiabá fez comentários sobre a forma de viver das pessoas de Cuiabá e da Alemanha. Dizia sentir-se obrigado a despertar nos habitantes daquele lugar, “desejo de agir”.

Além disso, considerava o homem do Mato Grosso atrasado e passivo, e afirmava que “somente o apito estridente da máquina da civilização o fará acordar”. Fazia comparações com o território europeu: “Nessa área superior à Alemanha, à França e a Itália juntas reside uma população de pouco mais 70.000 habitantes” (STEINEN, 1942b, p. 37). Refere-se aos habitantes que ocupam a região como mestiços, brancos, índios e negros, sendo que o elemento mais numeroso que registrou provém do cruzamento europeu-americano. Registrou também 7.000 escravos e 24.000 “índios selvagens e os índios mansos” se achavam subordinados a um órgão do governo que tinha como objetivo proteger os indígenas³¹. Referia-se as duas grandes cidades lá existentes Cuiabá e Corumbá, que ganhavam importância com a navegação a vapor sobre o alto rio Paraguai. Chamando a atenção que entre estas duas cidades não existiam telégrafos e estrada de ferro. Algo que já era comum nas cidades européias. A falta de comunicação entre aquele estado e o resto do Brasil foi observado nas correspondências entre o Rio de Janeiro e Cuiabá, que

³¹ Karl von den Steinen não especificou o nome do órgão.

levavam 32 dias, o mesmo que o Rio e Nova York. Ele se referiu ao estado de Mato Grosso como a “Sibéria brasileira tamanho o isolamento” (STEINEN, 1942b, p. 37).

O comércio era muito rudimentar, existiam exportações de produtos, que eram ínfimas. Exportava-se ouro, diamantes, drogas, bois, peles, ossos e chifres. Os produtos importados vinham do Rio de Janeiro e Montevidéu, e o comércio com a Europa era inexistente.

Enquanto permaneceu em Cuiabá, Karl von den Steinen coletou mais informações sobre o Xingu. Assim, antes de iniciar sua empreitada rumo as nascentes, tinha em mãos informações sobre o rio a ser percorrido e sobre a província do Mato Grosso. Não haviam estradas, e quando existiam as condições eram péssimas e transitavam apenas animais de tração. Não existiam pontes e as mercadorias quando chegavam eram transportadas por canoas ou homens que realizavam o serviço de transporte, ficavam rebocando as mercadorias dentro de saco feito de couro de boi, conhecido como pelota (STEINEN, 1942b, p. 40).

Naquela época haviam apenas três estradas que partiam de Cuiabá, e que mereciam atenção especial; a primeira ia para cidade Diamantino, na província do Mato Grosso, tinha cerca de 200 km; a segunda muito precária, liga Cuiabá a capital de Goiás, passando pela chapada, com extensão de 600 km; e a última, considerada a mais importante, ligava Cuiabá a São Paulo, margeia o rio São Lourenço e seu afluente Piquiri são 475 km e havia planos do governo da província de construir uma estrada de ferro, ligando Cuiabá ao Rio de Janeiro. A província era isolada e não tinha ligação com os rios do Norte para escoar a produção agrícola. Mesmo com toda a dificuldade, Mato Grosso mantinha relações comerciais com o Pará, através do rio Tapajós que, era navegável num trecho de mais ou menos de 300 km. A navegação ocorria na parte superior de sua foz, devido a correnteza e as cataratas. Quando foi instalada a linha de navegação a vapor sobre o rio Paraguai, o Tapajós perdeu o seu valor comercial para os mato-grossenses.

2.6 Os preparativos da expedição

Enquanto permaneceu em Cuiabá, Karl von den Steinen e sua equipe costumavam realizar visitas no período noturno e o ambiente era o melhor possível, com muita cerveja alemã e música e a constante presença dos vizinhos ou dos seus filhos. A interação era muito boa conforme relatado, as reuniões que participaram eram agradáveis e quando surgia oportunidade falavam sobre a expedição ao rio Xingu.

Com a participação intensa nas festas, nas procissões, nas danças e todos os eventos que eram convidados, foram se inteirando como era aquela sociedade. A preparação da viagem era meticulosa, com muitos cálculos, que constam nas páginas dos livros. O Barão de Batovi apoiou a empreitada, mas acreditava que quando descobrisse as nascentes daquele rio, retornariam a Cuiabá. Ficou surpreso quando soube que o início da viagem seria quando descobrissem a nascente (STEINEN, 1942b, p. 93). Mesmo descrente daquele objetivo, ele se dispôs a ajudar, e colocou à disposição uma escolta militar, atendendo ao pedido do cônsul Lacerda Cavalcante. Esta escolta iria acompanhá-los até os limites do Mato

Grosso com o Pará. Por causa da envergadura do projeto foi solicitado pelo Ministério os nomes dos expedicionários³². Ficaram felizes com a escolta mesmo que ela não fosse até o fim. Sabiam que na fronteira havia o rio Fresco, grande afluente do Xingu. As informações que foram encontradas mostram que o rio Xingu já tinha sido percorrido.

A viagem seria realizada em três etapas: a primeira de Cuiabá até Paranatinga; depois de Paranatinga até as nascentes do rio Xingu; e aí até a sua foz. Como era uma viagem longa e delicada e não conheciam os trajetos, tinham a escolta para auxiliar. O chefe desta escolta, Capitão Tupy parece, pelos relatos, mais atrapalhou do que auxiliou. As despesas seriam grandes e eram eles que iam custear. Era preocupante, excedia as posses, mesmo assim se prepararam e passaram a se relacionar com o Capitão Tupy, um sujeito de modo folgazão, que tinha uma maneira bem animadora de encarar as coisas. Mesmo com esta forma de ver as coisas, houve sérios problemas, inclusive colocando em risco a expedição. Mas coube a ele indicar onde poderiam adquirir os animais de transporte, pois haviam desconfianças e tinham receio de que os animais não fossem entregues.

A primeira desconfiança entre os expedicionários e o Capitão Tupy surgiu quando eles perceberam que ele defendia com muito interesse o negócio do aluguel das mulas e isto não agradou. Apesar de considerarem o negócio bom, existia muita insegurança. Consideravam mais justo e seguro um número reduzido de pessoas, do que aquela quantidade que fazia parte da escolta, bem como os animais alugados. Havia o receio do fracasso da expedição: outras que haviam saído de Cuiabá tinham fracassado. Mesmo diante dos entraves que surgiram, houve auxílio de pessoas, como o oficial brasileiro de ascendência alemã. Este capitão se mostrou interessado em acompanhar a expedição, porém quando viu o Capitão Tupy desistiu. O capitão Castro se mostrou

³² Não foi especificado o nome do Ministério.

contrário ao aluguel das mulas, indicou bois, pois estes eram animais mais acostumados a vencer longas marchas, e também poderiam ser utilizados como alimentos.

O capitão Castro expôs seu projeto de gasto ao Presidente da Província, no qual solicitou a cessão de 2 oficiais e 25 homens. No dia 6 de maio, o Barão de Batovi respondeu alegando a importância da empreitada para a província do Mato Grosso, visto que haveria o conhecimento completo do rio Xingu, que até aquela data era tido como inexplorado, e havia o interesse nas descobertas que ocorreriam ao longo da expedição. No entanto, apoiava somente o envio de uma divisão militar, ou seja, 1 oficial sendo indicado o Capitão Tupy. A escolha do referido capitão desgostou Karl von den Steinen, que não simpatizava com sua pessoa.

A relação com este capitão foi desgastante. Após o término da expedição, a equipe já se encontrando no Rio de Janeiro e comunicando oficialmente o resultado desta, omitiu os dissabores que tiveram com o referido Capitão. Para a equipe “pessoa do Capitão TUPY não se adaptava à tarefa que lhe foi confiada, por causa da sua irresponsabilidade muitas vezes demonstrada”. Por causa de sua maneira de agir, que ele acabou sendo afastado da expedição. Assim seguiram rumo ao Xingu: “nós, isto é, Castro, os bravos soldados, os meus dois amigos e eu fizemos a expedição, não com TUPY, mas sem ele” (STEINEN, 1942b, p. 99).

Mesmo com os percalços, a expedição foi ganhando corpo. Capitão TUPY foi nomeado comandante da expedição, ficando encarregado de adquirir os bois e as ferramentas, e Castro de enviar comunicações ao governo³³. O presidente da Província havia declarado apoio e disposição em auxiliar, e providenciou o pagamento de “2 camaradas”, que acompanhariam a expedição. Contrataram um “velho com cara de índio”, que se chamava Daniel Alvares, que parecia experiente em andar pelo sertão. Ele tinha 65 anos e trouxe o filho de 14 anos, de nome Pedro. Daniel já tinha viajado parte do rio Paranatinga e era um conhecedor do sertão. O Capitão Tupy selecionou os soldados que quisessem participar da viagem, os quais deveriam se apresentar voluntariamente.

Nas atividades relacionadas a preparação da viagem, passavam manhãs inteiras envolvidos na confecção de cartuchos, os papéis e os materiais de desenho de Wilhelm, que foram acondicionados em latas. Todo o material era bem guardado em bolsões de couro duro que seriam

³³ Não foi especificado se a comunicação era para o governo federal ou o governo da província.

carregados pelos animais de transporte. Providenciar alimentos levando uma provisão de café e chá paraguaio, poucas conservas, por causa do reduzido sortimento que havia em Cuiabá. Conseguiram levar bastante sardinha em lata, levaram álcool com a intenção de fazer uma pequena coleção zoológica, e também um hipsômetro³⁴; o petróleo, para observações astronômicas, velas, fósforos suecos, mecha de fogo³⁵, pederneira, barbante, cordas de fibra, arame, pregos, anzóis, cordões e para cada pessoa que participava da expedição, uma machadinha.

Haviam comprado em Buenos Aires miudezas, que serviriam como moeda de troca quando encontrassem os índios. Eram adornos brilhantes, pulseiras, anéis, brincos, espelhos e outras quinquilharias, como a miçanga, faca e um embrulho de foguete. Também levaram instrumentos de trabalho que auxiliariam na viagem como um teodolito³⁶ inglês, dois aneroides³⁷, três termômetros fundos, um termômetro máximo-mínimo, um hipsômetro³⁸, uma bússola e o cefalmetro de Vurchow. Como foi descrito, eram muitos volumes a ser organizado e, enfim, chegou o dia da partida 26/05/1884. Ainda estavam envoltos com a arrumação e escrevendo cartas para a pátria, mostrando o tão caótico é preparar uma expedição de tal quilate, mas conseguiram.

O Capitão Tupy seguiu na frente com a caravana e o Capitão Castro juntamente com os expedicionários seguiriam no período da tarde. Havia entre os expedicionários uma sensação de saudade de Cuiabá, foram bem recepcionados e teriam uma recordação grata de todos. Então, as 13 horas, diante da casa em que estavam hospedados, estacionou uma fila de cavalos e mulas encilhadas, e assim Karl von den Steinen descreveu a cena:

Segundo o costume da terra, compareceu um grupo de pessoas nossas conhecidas, afim de nos

³⁴ Hipsômetro é um aparelho desenvolvido em inícios doséculo XIX, usado para medir a altitude de um lugar, através da diferença nele indicada pela temperatura em que a água entra em ebulição.

³⁵ Material que se serve para produzir o fogo, muito usado pelos montanhistas.

³⁶ O teodolito é um instrumento de precisão óptico que mensura ângulos verticais e horizontais, aplicado em diversos setores como na navegação, na construção civil, na agricultura e na meteorologia.¹

³⁷ Consiste de um tubo de vidro com quase 1 m de comprimento, fechado numa extremidade e aberto noutra, e preenchido com mercúrio (Hg). A extremidade aberta do tubo é invertida num pequeno recipiente aberto com mercúrio.

³⁸ *Hipsômetro* é um aparelho desenvolvido em inícios do século XIX, usado para medir a altitude de um lugar, através da diferença nele indicada pela ...

acompanhar durante um trecho de caminho. E foi assim que começamos a nossa marcha. A cavalgada estava gabosa e pitoresca. Nós três de chapéus de palha de largas abas, em que amarráramos uma fita com as cores brasileiras. (STEINEN, 1942b, p. 102).

Antes de ganhar os rumos do sertão passaram em frente ao palácio para se despedir do Presidente da Província, que muito tinha se empenhado para que tivesse êxito.

O Presidente estava à janela, “vimos receber as últimas ordens de V. Excia”, disse eu. Com a simpatia que lhe era peculiar, o velho senhor veio à porta para nos desejar feliz viagem. A Baronesa também nos enviou um amável adeus. “Vamos!” Quando estávamos a uma légua da cidade, esvaziamos os últimos copos, trocamos os últimos abraços. Reunimo-nos então, à caravana e não foi pequeno o nosso prazer diante desse, para nós estranho aspecto das manobras, do qual participávamos, agora, irrevogavelmente, como membros ativos. (idem, ibidem, p. 102)

3. O ENCONTRO COM O XINGU

Este capítulo tem como objetivo apresentar a travessia de Karl von den Steinen e sua comitiva pelo Rio Xingu, até suas nascentes. Aborda o encontro com os primeiros indígenas, no caso os Bacairis, relata as mudanças que ocorreram no andamento dos trabalhos dos expedicionários, por causa do Capitão Tupy e alguns soldados, que não conseguiram se adequar a rotina daquela expedição, e acabaram desligado da expedição. Ficando, então o Capitão Francisco de Castro Paula no comando.

Durante o trajeto os expedicionários realizavam pesquisas que iam desde o estudo das nuvens, que recheavam os céus do Planalto Central, até o curso dos rios. Houve momentos em que parava a expedição para ouvir a explicação sobre algum fenômeno que estava ocorrendo.

E neste capítulo vai ocorrer o objetivo da expedição, quando encontraram as nascentes do rio Xingu. Foi um período de incertezas tinham receio de não encontrar o rio e quando encontraram foram tomados de muita emoção. Este sentimento que se instalou no grupo diante da descoberta, não há como descrever, são sentimentos e não fatos, que se descrevem e analisam. O que se pode dizer que Karl von den Steinen conseguiu alcançar com êxito o objetivo daquela expedição. Imagino quando Karl von den Steinen se deparou com o Xingu foi invadido por uma forte emoção, tanto que houve muita comemoração, eu também senti muita emoção 101 anos depois, quando num barco da FUNAI, o piloto deste, um índio da etnia Ikpeng me chamou a atenção dizendo que o Xingu nascia naquele lugar, fui tomada por uma forte emoção, somente quem tem este sentimento tão particular consegue entende-lo, mas jamais descrevê-lo.

3.1 O início da expedição

Apesar dos entraves que tiveram que contornar, Karl von den Steinen e sua expedição saíram de Cuiabá rumo ao rio Paranatinga, e de lá para o Xingu. Mas antes tinham um longo trajeto a percorrer. Havia dois caminhos que daria no rio Paranatinga. O primeiro foi descartado, que seria pelo afluente do Tapajós, que fazia limite com a Chapada dos Guimarães. Karl von den Steinen considerava interessante, pois esta ficava vizinha a Cuiabá. Mas decidiram pela segunda opção, uma estrada que seguia ao longo do rio Cuiabá, para além da bifurcação dos rios Paraguai e Tapajós. Era uma estrada de fácil acesso aos animais, pois

estavam levando bois. Neste caminho puderam conhecer também o naturalista americano Hebert Smith (1851-1919), que se encontrava na Chapada, para reunir um vasto material zoológico, botânico e geognóstico. A riqueza do material coletado por Smith deixou os expedicionários perplexos, tamanha a magnitude. Quando concluiu a expedição, Karl von den Steinen se deparou no Museu do Rio de Janeiro com as inúmeras caixas e as compridas mesas, cheias do resultado do seu trabalho. Então deu-lhe, um sentimento de pesar, por não ter convivido com este naturalista por mais tempo (STEINEN, 1942b, p. 103).

Os primeiros dias de viagem não foram produtivos para a expedição. As etapas da viagem eram milimetricamente conhecidas. No dia 29/05 passaram pelo lugarejo “Guia” e no 02/06 chegaram a cidadezinha de Rosário, que fica às margens do rio Cuiabá. As casas da cidade eram de argilas, em torno de 160; havia somente 96 com coberturas de telhas, o restante era de palha. A melhor casa era da autoridade do lugar, do Senhor Francisco Pompeu de Barros. Segundo registrou, havia 3.084 almas de acordo com o velho que lhe deu informações, dizendo que o número de habitantes não aumentava, nem diminuía.

Após a estada em Rosário, e seguiram viagem, alcançando o rio Ribeirão dos Nobres³⁹. A saída da cidade de Rosário significou uma nova fase na forma de divulgar os trabalhos da expedição, e uma nova forma de escrever. Existia a preocupação em relatar os pormenores da viagem. Então, todos os dias são relatados os acontecimentos, os horários são informados no momento em que inicia a escrita do diário, e também o rumo das nuvens e dos ventos, e todas as demais informações que surgiram durante o dia.

Assim, todos os dias as atividades são relatadas, os animais que se machucavam, a vegetação exuberante, as flores, as planícies, os blocos de pedra, o encontro com as montanhas da chapada, o trecho entre Cuiabá e Diamantino, que era uma estrada íngreme e de rara beleza. Todas as vezes que Karl von den Steinen descrevia as paisagens por onde passava demonstrava o sentimento de admiração diante da vegetação; e Wilhelm von den Steinen através dos seus desenhos. Naquele mesmo dia alcançaram o cume da chapada; andavam separados e em determinados momentos uniam-se novamente. Otto Clauss e Daniel tinham a função de estudar o itinerário.

³⁹ Afluente do rio Cuiabá.

Por causa dos aparelhos levados havia muita noção de onde estavam, não caminhavam a esmo. Como o período era de lua clara ficavam maravilhados com o brilho que clareava a noite. Karl von den Steinen se impacientava por ter andado apenas 34 léguas, desde que saiu de Cuiabá.

Por estarem numa região de Planalto, havia a noção da direção do vento, ora a norte, ora a leste e sudeste, enfim onde o aparelho indicasse, era colocado no caderno de anotações. No dia 9 de junho encontraram a bifurcação dos rios Cuiabá-Paraguai e Arinos-Tapajós. Como Daniel era um profundo conhecedor do sertão, não necessitava de aparelhos para saber a direção e as distâncias. Ele falava que a cidade de Diamantino estava a 4 léguas, e o rio Cuiabá a 2 léguas, assim como, era capaz de mostrar também a direção que se podia chegar ao rio Preto. Diante de tanta informação Karl von den Steinen se sentia orgulhoso. Durante a caminhada deparavam-se com ranchos abandonados e os objetos que eram encontrados ganhavam outra utilidade, como ocorreu quando encontraram cascas de abóbora espalhadas pelo chão, que foram transformadas em vasilhames para beber água. A tranquilidade reinante se transformava em monotonia. Quando se juntavam era para dormir, quando ficava alguém fazendo a ronda e as 04 horas da manhã, ouvia-se a alvorada (idem, ibidem, p. 117).

No dia 10 de junho, eles conseguem atingir o Chapadão. Reclamando da monotonia, descreve assim esta situação:

O caminho pelo Chapadão oferece a vantagem de evitar os riachos, mas a gente se aborrece com a monotonia e quasi adormece sobre o animal que também parece lutar com o sono... E si alguém adormece mesmo, acorda de repente em uma volta do caminho ou pelo empuxão de galho que quasi lhe arranca o chapéu da cabeça. (idem, ibidem, p. 117)

A região onde se encontravam era o cerrado, cuja vegetação, árvores baixas, a terra “*quasi de amarelo tijolo*” e a noite, tinham a companhia da luz do luar, que muito maravilhava von den Steinen.

Ao que parece, o bom andamento da expedição somente era interrompido em consequência do comportamento dos militares, com frequentes manifestações de desobediência. Mesmo com as desavenças, continuaram a viagem, e Karl von den Steinen escrevendo no início e no final de cada dia. Como estavam as portas do inverno, sentiram a friagem

de Santo Antônio. Eles estavam no dia 13 de junho quando ela apareceu em forma de neblina, que logo se dissiparia, algo muito comum na região. A partir deste dia começaram a avistar coluna de fumaça que poderia ser de uma aldeia indígena, segundo informações daqueles que acompanhavam os expedicionários. Os Bacairis estavam próximos. Então, o primeiro contato com estes índios aconteceria em breve. No dia 14 de julho, as 09 horas enxergaram o aldeamento dos Bacairis. Eram 4 casas e o romantismo em descrever as cenas, apareceu logo que avistou os telhados das casas: “Os raios de sol dão a impressão de serem cobertas de ardósia”. A presença deles mesmos causou rebuliço na aldeia, cuja cena foi descrita da seguinte forma: “Alguns sujeitos de torso nu correm para dentro das mesmas. Outros vestidos aparecem” (idem, ibidem, p. 122).

3.2 Os Bacairis

Os primeiros registros sobre os Bacairis foram feitos por José Gonçalves da Fonseca⁴⁰, quando este viajou até o Pará na região do rio Madeira, nos anos de 1749 a 1752, e manteve contato com o grupo, que ficou assim conhecido. Mais tarde, outros viajantes também mantiveram contato com os Bacairis. No atlas de Thomas Jeffery (1719-1771)⁴¹, de 1776, ele identificou a presença deste grupo no rio Paranatinga. Ayres de Casal (1754-1821)⁴², por sua vez, em 1817, observou que eles se encontravam na região vizinha ao rio das Mortes e que mantinham uma “guerra contínua contra toda espécie de quadrupedes e aves”. Ele afirmava que esta população não tem infligido mal aos cristãos, ou seja, não guerreava com os civilizados. Eram descritos de tez clara e o aspecto é amigável. Pelas características físicas, eram considerados as hordas dos Parecis, porém, mais tarde descobriu-se que não haver vínculos com eles. Carl Friedrich Philipp von Martius (1938) fez citações sobre os Bacairis que viviam nas cabeceiras do rio Xingú e habitavam as fontes dos rios Arinos e Juruna. Ele afirmou que eram uma derivação dos Parecis e que

⁴⁰ Leia sobre o cartografo no artigo A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do rio Madeira (1749-1752)

⁴¹ Atlas servia de fonte de pesquisa para todos os pesquisadores que queriam vim para América.

⁴² Manuel Aires de Casal, popularmente conhecido como Padre Aires de Casal (Pedrogão, 1754 - Portugal,1821), foi um sacerdote, geógrafo e historiador Português, que viveu durante muitos anos no Brasil.

havia se espalhado na trifurcação dos rios Tapajós, Madeira e Paraguai. Soube mais tarde que esta informação sobre o parentesco com os Parecis era errônea e que os parentes mais próximos ficavam no estado do Amazonas.

Havia muitas informações a respeito dos Bacairi a disposição de Karl von den Steinen, mesmo estando no Mato Grosso e depois Pará. Ele sabia dos parentes dos Bacairis que moravam no norte do rio Amazonas, que estavam na região das nascentes do rio Madeira. Estas informações foram prestadas por Carl Friedrich Philipp von Martius e amplamente utilizada por Karl von den Steinen e sua equipe. Estes registraram dois aldeamentos de Bakairis “mansos” no rio Novo, ribeirão afluente dos rios Arios e Paranatinga. As aldeias não eram as mais antigas, havia outra no “Salto”, na região do alto Paranatinga, onde grande parte dos Bacairis havia nascido naquele lugar. Em consultas aos mapas, encontraram Bacairis no rio das Mortes, sobre os quais tinha a informação que foram convertidos ao cristianismo em 1820, coincidindo com uma expedição em busca de ouro, comandada por P. Lopez⁴³.

As duas aldeias dos Bacairis estavam sob a direção do “Diretor dos Índios”, que residia em Cuiabá, e tinha o Reginaldo como capitão. As mulheres ficavam numa aldeia a duas léguas dali. Eram 6 ranchos, com 55 pessoas: 16 homens, 19 mulheres e 20 crianças. Perambulando pela área encontraram ranchos abandonados, os quais eles utilizaram para se acomodar:

Ocupávamos a casa dos hóspedes que só tinha 17 passos de comprimento. Esta construção já era moderna aprendida pelos índios com os colonos. A 20 minutos dali encontramos ainda, dois ranchos abandonados, de velho estilo, isto é, redondos e em feito de cortiço. O maior tinham em média 19 passos, elevando-se pelo lado externo, e estava coberto por palha “acuri”, enquanto a estrutura interna se compunha de estacas de 1,33 m de altura, sôbre as quais se apoiava êsse cortiço, que possuía, aliás, uma única cobertura feita de uma certa quantidade de arcos de bambú, horizontalmente dispostos. Em cima deixaram um orifício para o ar e algumas estacas, vindas de dentro, em forma de cruz, voltavam-se para fóra. A entrada, constituída

⁴³ Karl von den Steinen não especificou quem seria P. Lopez.

de 1,50 m de altura, estava rodeada de arbustos de hortelã-pimenta. (STEINEN, 1942b, p. 126)

Karl von den Steinen se referiu ao modo de vida dos Bacairis, identificando-os-os de “povinho”⁴⁴ que levava uma vida idílica (idem, ibidem, p. 126). Descreveu assim as atividades dos Bacairis: cuidar do gado e da lavoura de mandioca, arroz, feijão, milho, fumo e açúcar. As orelhas e septo nasal eram perfurados, a estatura mediana e a caixa torácica era acentuada. Ele os descrevia como a tez variava de “amarelo, terrosa ou clara”, os cabelos na sua maioria eram escuros e ligeiramente anelados ou ondulados e os olhos rasgados e bonitos.

O português falado pelos Bacairis era rudimentar. Enquanto estiveram com eles os expedicionários estiveram ocupados durante alguns dias, cada um desenvolvendo suas atividades: Clauss estudava o itinerário, Wilhelm desenhava, Karl von den Steinen e o Capitão Castro tomavam notas de tudo que encontravam.

Depois, a viagem prosseguiu, enfrentando percalços, principalmente por causa dos soldados, comandados pelo Capitão Tupy pois alguns costumavam ter duas atividades bem peculiares: comer e dormir. Tiveram que esperar o Capitão Tupy que havia ido procurar um boi extraviado e já faziam três dias que não aparecia. Mesmo com os problemas, a viagem foi produzindo resultados. Chegaram no segundo aldeamento, permaneceram por lá a espera do capitão. Karl von den Steinen considerava-o leviano por lhes fazer esperar tanto tempo, e diante deste impasse solicitaram ao Capitão Francisco de Paula Castro que assumisse a tropa. Assim, houve remanejamento de soldados, os que seriam incorporados a expedição e o restante retornaria a Cuiabá, com o Capitão Tupy. Após os entraves, conseguiram enfim que o Capitão Tupy e seus soldados se desligassem da expedição (idem, ibidem, p. 132). Porém este desligamento definitivo só ocorreu alguns dias depois.

3.3 As mudanças

Foram seis dias de estada até chegar no segundo aldeamento, entre os dias 15 a 21 de junho. Todos os dias eram realizadas observações meteorológicas, nos períodos da manhã e à tarde e, algumas vezes, a noite. No dia 21 de junho houve a separação da tropa, os que seguiriam para Cuiabá e os que permaneceriam na expedição, sobre o comando do

⁴⁴ Segundo a tradução de Catarina Baratz Cannabrava, ele teria se referido aos Bacairis de “povinho”.

Capitão Francisco de Paula Castro. No primeiro dia após as mudanças, pernoveram no centro de uma pequena floresta; onde havia inúmeras trepadeiras, regatos e os mosquiteiros fizeram presença. Não haveria mais o sistema de vigilância feita pelos guardas durante a noite (idem, ibidem, p. 135) e, dia após dia, prosseguiram a jornada pelo sertão rumo ao Xingu. A impressão que Karl von den Steinen passou foi de muita felicidade e vigor, após as mudanças. No dia 23 de junho comemoraram o aniversário de Clauss, acordando-o as 5 horas com tochas acesas.

No dia 26 de junho de 1884 avistaram ao longe a Serra Azul, que iriam atravessar. Nessa travessia os mapas utilizados até aquele momento seriam deixados de lado, pois tornar-se-iam inúteis. Prosseguiram a viagem, e, como sempre, dia após dia, eram feitas as anotações sobre o tempo, direção do vento, umidade, as nuvens, ou relatavam quando avistavam algum bicho diferente. O elemento anotar prevaleceu nas duas expedições, onde reinava a meticulosidade, nas descrições das despesas ao encontro com os grupos, tudo era anotado. No dia 26 de junho, conseguiram caçar um tamanduá, animal desconhecido para os alemães, que se assustaram quando o viram, mas ficaram felizes, pois teriam o que comer. Depois daquele almoço com carne de tamanduá, alcançaram a fazenda Córrego Fundo, onde adquiriram mantimentos (STEINEN, 1942b, p. 142). Observaram que não havia muitas diferenças das fazendas que o grupo havia passado. Os ranchos estavam habitados por várias famílias bem pobres, e o dialeto matogrossense soava impecavelmente.

O grupo se separou. Uma parte ficou na fazenda, aguardando a chegada de mantimentos, e a outra, onde estavam Wilhelm e Karl von den Steinen, seguiu viagem rumo ao rio Paranatinga, que foi atravessado com o auxílio dos Bacairis. Eles ainda mantiveram contato com alguns índios Parecis.

No dia 1º de julho encontravam-se na Fazenda Córrego Fundo quando o clima de tranquilidade que cercava o grupo foi quebrado com a volta do Capitão Tupy, disse que só retornaria a Cuiabá com a tropa toda. Surgiu o impasse, ou seja, o Capitão Castro, que levava muito a sério a expedição, tinha que retornar a Cuiabá e a expedição não teria mais o apoio militar. Karl von den Steinen não aceitava Capitão Tupy no grupo, por causa do seu comportamento, desejava que o mesmo se desligasse. Após árdua discussão entre os dois capitães, o capitão Tupy decidiu definitivamente abandonar a expedição em 2 de julho. Soube-se depois que o mesmo chegou a Cuiabá em agosto com os seus soldados. No dia 3 de julho Karl von den Steinen resolveu escrever uma carta ao Presidente da Província, explicando o desligamento do capitão.

A expedição seguia, enfrentando agora rios caudalosos. O pernoite era as margens do rio Paranatinga, que naquele local tem a largura de mais ou menos 150, metros e há barrancas dos dois lados, que medem 5 metros.

Após vários dias, em 5 de julho chegam a região dos grandes rios. Karl von den Steinen anota com minúcias as fontes que cercaram o Xingu. Os seus estudos sobre a região basearam-se principalmente nas pesquisas realizadas por François Louis Nompard de Caumont Laporte, conde de Castelneau (1810-1880)⁴⁵, que saiu de Goiás e foi até o norte de Cuiabá, e de lá até Diamantino, indo além do Tombador (STEINEN, 1942b, p. 162).

Karl von den Steinen considerou o clima do planalto melhor do que da Índia. Para ele, na Índia o calor era companheiro de todas as horas, enquanto no Planalto Central brasileiro ocorria-se o contrário. Como exemplo cita as roupas utilizadas para dormir que, ao invés de tirá-las a noite, vestia-se mais roupas; e pela manhã tirava-as, permanecendo somente com as necessárias para enfrentar a caminhada, ou seja, o mínimo de roupa possível para enfrentar o sol quente no decorrer do dia (idem, *ibidem*, p. 165).

No itinerário, continuavam com muita pesquisa e sempre iam em direção ao leste. No dia 7 de julho, porém, seguiram para o SE, por onde puderam lançar um olhar para as cabeceiras do rio Paranatinga, que naquela região fazia uma enorme curva. No caminho encontraram dois grandes ribeirões, que seguiam em direção ao norte: eram o Bugio e o Jatobá, que foram avistados no dia 11 e 12, respectivamente, e, no dia 13, depararam-se com um pequeno rio de 70 metros de largura, que vinha da floresta, despejando-se de uma rocha arenosa, correndo para o norte (idem, *ibidem*, p. 170). Resolveram chamá-lo de Batovi, em homenagem ao Presidente da província do Mato Grosso. Este rio é um dos formadores do Xingú, corre paralelo ao rio Ronuro e ao rio Karl von den Steinen,

⁴⁵ François Louis Nompard de Caumont LaPorte, conde de Castelneau (25 de Dezembro de 1810 – 4 de fevereiro de 1880) foi um naturalista inglês que esteve em serviço da França. (Algumas fontes dão como nascido em 1812). Nasceu em Londres, estudou história natural em Paris. De 1837 a 1841 efectuou uma expedição científica ao Canadá, onde estudou a fauna dos lagos canadianos e os sistemas políticos do Canadá e dos Estados Unidos da América. De 1843 a 1847, com dois botânicos e um taxidermista, cruzou a América do Sul, do Peru ao Brasil, seguindo o Amazonas e os sistemas do Rio da Prata.

mais conhecido como rio Steinen, ou Estene, como os índios da região usam falar.

É importante ressaltar que quando chegaram ao Batovi, eles estava, a 14 léguas a leste do rio Paranatinga, sobre 13°57'22" de latitude sul e 54°24'22" a oeste de Greenwich. No encontro com este rio, os expedicionários tomaram um novo rumo, não seguiriam pelo chapadão, mas sim pela floresta, na expectativa de encontrar um afluente caudaloso do Batovi. Após muitas andanças errôneas, atravessando ribeirões e córregos, e sempre encontrando dificuldades em atravessá-los, como ocorreu na travessia do ribeirão Jatobá⁴⁶, quando levaram 2 horas e meia para levar todos os objetos de uma margem a outra, com a água até o pescoço.

No dia 13 de julho a equipe acampou debaixo de uma cachoeira. Houve uma divisão das tarefas, enquanto “os chefes” saíram para explorar algumas léguas das redondezas (STEINEN, 1942b, p. 171), uma parte do grupo foi construir as canoas, sob o comando do índio Bacairi Antônio; e a outra parte do grupo foi matar um boi e salgá-lo.

Neste acampamento realizaram vários levantamentos. Avistavam colinas de areia de 3 a 4 metros, estudavam o terreno, procuravam lugares de altitude onde podiam observar uma bacia hidrográfica suplementar de mais ou menos 2 léguas de diâmetro. Viam serras, os rios que corriam para o norte, e depois das vistorias retornavam ao acampamento. Ao que consta saíam de manhã e retornavam a noite, pois precisavam de tochas feitas de folha de palmeira para iluminar o caminho. E sempre vinha a pergunta se os ribeirões e córregos que corriam para o norte iam para qual desses rios: Paranatinga, Tapajós ou Xingu? É uma dúvida perturbava-os, chegariam ao Xingu ou no Tapajós? Mas estavam certos em relação a origem do Xingu era mesmo aquela região. Havia a preocupação de não encontrar o Xingu e ao invés se deparar com o Tapajós, então restariam procurar a pé as nascentes do famoso rio. Mesmo com noite fechada voltavam para o acampamento, ou, então, dormiam onde davam, só retornando quando o dia estava claro.

No dia 21 de julho houve retorno de soldados para Cuiabá, que levaram as últimas cartas dos expedicionários que ficaram 20 soldados. Além do abate dos bois, das cartas enviadas, ficaram prontas as canoas de casca de jatobá. Karl von den Steinen ficou impressionado com a rapidez e a simplicidade da construção daquelas canoas:

⁴⁶ Rio Jatobá território dos índios Ykpeng ou Txicão.

Preparou-se, primeiro uma armação de estaca, diante do jatobá, cortando-se, depois, pela metade o madeiro cilíndrico a golpe de machado. Logo após essa comprida peça é cortada em forma de canoa. A fibra da árvore era flexibilizada pela ação do fogo mantido na concavidade, de forma a se conseguir, por meio de alçapemas, o encurvamento das partes de frente e de trás. Alguns paus fincados por dentro, não permitiam que as beira da canoa dobrassem muito para dentro. A grossa película fibrosa é impermeável à água. No período da seca, esta madeira torna-se quebradiça, partindo-se seis ou sete canoas até se obter uma. Por mais primitivas que fossem essas embarcações de 6 metros de comprimento médio, eram úteis, porque afinal não havia outro recurso. (idem, *ibidem*, p. 175).

Inicia-se uma nova fase da expedição. Estão diante do rio Batovi. No dia 25 de julho embarcaram em 8 canoas e, acreditem, eram poucas, pelo volume de “tralhas” e pela quantidade de pessoas. Houve uma parte do grupo que continuou seguindo por terra a procura de pés de jatobá que serviria para construir mais canoas. Então, os que estavam viajando pelo rio remavam devagar. Não era fácil a travessia, achavam-se a 350 metros acima do nível do mar e havia desnivelamento do terreno. O rio era uma verdadeira escada, muitas vezes tiveram que sair das canoas, empurrando-as pelas pedras e levando a carga nos ombros. Eram degraus e mais degraus que precisavam ser superados. Quando acreditavam que as corredeiras tinham terminado, vinham outra cascata e, diante dos obstáculos, desciam e atravessavam por terra. Karl von den Steinen descreveu assim um desses obstáculos:

Em meio disso, ainda sobrevinham acidentes suplementares, como, por exemplo, na ocasião em que quasi todos já tinham atravessado estreito canal em uma corredeira, a última canoa chocava violentamente contra uma pedra, tudo virava dentro d’água, restando-nos o trabalho de apanhar e pôr tudo para secar. (idem, *ibidem*, p. 176).

Quando estes acidentes aconteciam havia perda dos alimentos, parte do sal diluiu-se, o arroz, o feijão, farinha e a carne mofaram, bem como, os desenhos de Wilhelm e os cadernos com as anotações da

viagem. Outro problema eram as pulgas na areia, que atacavam os dedos dos pés e calcanhares. Durante os três meses eles não fizeram o uso de calçados de espécie alguma. A maior parte da tripulação era de homens acostumados a andar, e fizeram isso com muito desembaraço. Todavia os alemães tiveram muita dificuldade em andar descalços, mas foram se acostumando com a situação, andando sob um sol forte, por lugares inóspito e desprovido de qualquer conforto.

O rio Parantinga foi deixado para trás, e chegaram no Batovi em 25 de julho de 1884 passando por trechos repletos de cachoeiras. Os campos eram avistados de ambos os lados, entretanto depois do dia 5 de agosto, as paisagens mudaram, os campos ficaram para trás e o grupo entrou numa região de mata espessa e alta. Os ribeirões também ficaram para trás e o rio Batovi mudou: ao invés das correntezas, entraram as curvas. Por causa das corredeiras, o prejuízo foi grande, as coleções zoológicas se perderam, assim como as pedras que cataram durante o percurso de Cuiabá até o Batovi.

3.4 O contato com os grupos indígenas

Como não podiam levar os animais e as plantas encontrados, Karl von den Steinen listou-os, principalmente aqueles encontrados na região do planalto e no rio Batovi. Eram catalogados com o nome popular e o científico. Observou que no alto daquele rio não havia presença indígena, mas quando começaram a descer o rio surgiram mudanças. No dia 6 de agosto encontraram os primeiros sinais indígenas, um alojamento antigo, “em lugar solitário da floresta virgem” (idem, *ibidem*, p. 186).

Karl von den Steinen observa que no alojamento tinha armação para fritar peixe, porém acredito que devem ter confundido, pois os índios não tinham o hábito de frituras, e sim de assar. Todavia a presença dos índios era certa; os galhos retorcidos indicavam o caminho que deveriam tomar na mata. Antônio explicou que os índios deviam ter chegado até ali por terra, ou seja, não estavam longe. Logo mais os avistariam. Estavam todos exultantes, afinal foi um longo período de caminhada até a chegada daquele momento. Enfim, naquela tarde encontraram embarcações indígenas reunidas na margem esquerda.

No dia 11 de agosto se depararam com uma canoa, desenhos nas árvores, e, no rio onde tinha uma cascata, os índios construíram uma escada. Entrando na mata souberam, então, o que era a coluna de fumaça avistada do alojamento. Os índios tinham derrubado a mata para a plantação e outros sinais foram aparecendo. Encontraram restos de beijus, uma flecha pendurada na árvore, todos sinais indicavam a presença

indígena. Passaram a caminhar em silêncio, e viram palmeiras bocaiúva, carregadas de frutos, fogueiras acesas e apagadas. Após muito andar, conseguiram ver três casas em forma de cortiço, um índio nú sai de dentro de umas das casas com a flecha empunhada. Antônio cumprimenta, utilizando-se o vocabulário Bacairí “Kyulino”. Mesmo sabendo que aqueles índios poderiam atacá-los procurou manter diálogos monossilábicos que resultou em abraços e o sentimento de alegria e alívio na comitiva expedicionária. Foram conduzidos a uma pequena casa, onde sentaram sobre um tronco de árvore que havia no chão. A casa foi assim descrita:

Duas vigas suportam o teto de palha, enfeitado com um diadema de penas de papagaio, contornado em baixo por uma cinta de erva seca. Muitas flechas elegantemente trabalhadas achavam-se fincadas nas paredes. (idem, ibidem, p. 188)

Karl von den Steinen afirmou que os Bacairis encontrados jamais tinham vistos homens de cor diferente, ou seja, estava se referindo aos alemães brancos, altos, loiros e barba por fazer. Mesmo com estas diferenças, estabeleceram uma relação amistosa. Saíram da casa e foram manter contato com os outros indivíduos daquela aldeia. Ainda dentro de casa foram informados que rio abaixo existiam outras povoações e que as cachoeiras que tanto atrapalhavam a viagem tinham acabado. A distância para chegar do Xingu estava encurtando. Entretanto, havia muito rio a percorrer pelo Ronuro, que até que ele desagüe no Xingu. Antes de prosseguir viagem obteve informações sobre a aldeia e o modo de vida daquela gente:

chamou a atenção uma velha que andava de passinho miúdo e tinha como vestimenta uma florzinha triangular e amarela como a palha, presa a um fio, estava amarrada nos seus quadris, passando pelo períneo, ou seja, aquela peça consistia em seu único vestidinho. (idem, ibidem, p. 188)

Os índios trataram bem os expedicionários, ofeceram-lhes, beijús, perereba⁴⁷. Karl von den Steinen, ainda distante das discussões do

⁴⁷ Bebida extraída da mandioca, fermentada e depois cozida em grandes panelas de cerâmica. Esta bebida é muito apreciada

relativismo cultural, espantou-se que o Chico, que era negro, ser tratado igualmente. Como ele escreveu: “Esse homem-macaco africano, que era Chico, parecia até ser mais importante para essa gente” (STEINEN, 1942b, p. 189). Houve entrosamento e foram feitas as descrições de todo e qualquer objeto que se tinha pela frente, da fauna, da flora, das estrelas e das indumentárias utilizadas naquela aldeia. Como estavam expedicionando pela primeira vez, foram informados da existência de outros grupos indígenas e de outros rios que tinham que atravessar. As cachoeiras cessariam e o rio Ronuro estava a 12 dias de viagem. Ocorreram trocas de camisa, calça e machado por 4 canoas, todas bem elaboradas (idem, *ibidem*, p. 198).

Após atravessar o Salto da Alegria, que era um conjunto de fortes corredeiras, observaram que elas tinham cessado e tiveram pela frente somente as correntezas. Mesmo assim, os desequilíbrios ocorriam, ocasionando entrada de água na canoa. Superando os percalços atingiram outras aldeias dos Bacairis, cada grupo encontrado com suas peculiaridades. Quando chegaram na quarta aldeia, observaram que era a mais guerreira e formava a defesa das fronteiras contra grupo desconhecido (idem, *ibidem*, p. 210). Lá souberam da existência de outros grupos, como os Custenáus, Trumai e Waurá. Os Kamaiúras ficavam há 10 dias de viagem. Com essas informações, deixaram para trás os Bacairis e foram ter contatos com outros grupos, percorreram aldeias e souberam da existência de mais outros grupos.

Os Trumais costumavam receber visitas de estrangeiros e os Suiás eram temidos. Segundo informações que foram prestadas pelos Custenáus através de gestos e outros meios de comunicação. Falavam também sobre os temíveis Suiás e a presença de Carajás e Xavantes. Com estas informações perceberam que estavam no caminho certo, e logo estariam nas nascentes do Xingu. Observavam de tudo e todos. Por ser médico, o seu olhar sempre focava para a saúde e também para a anatomia dos indivíduos. Diante do seu conhecimento sobre o corpo humano descrevia os índios, relatava sua estatura, as formas do corpo ou se tinham alguma anomalia. Quando se encontrava na aldeia dos Custenáus fez a seguinte observação:

O crâneo atrás era obliquo, a fronte do indivíduo mais alto bem arqueada. O nariz reto, de ventas regularmente grossas. Em alguns era acha todo entre a fronte e a base. O lábio superior ligeiramente proeminente. Bons dentes. O corte do olho em geral pouco largo, sendo a íris castanho

escuro. Um rapaz era notável pela sua fisionomia mongólica, quadrada, de largo ossos molares, olhos um tanto tortos, a pálpebra superior muito saliente, especialmente no interior do canto do olho, mas sem contudo, estender-se sobre a pálpebra inferior. (idem, *ibidem*, p. 216)

Entre os Custenáus exerceu sua função de médico, pois as pessoas iam ao seu encontro para que resolvesse os problemas de conjuntivite a coxalgia (idem, *ibidem*, p. 217). Além do interesse pelo corpo humano, tinha também interesse pelo vocabulário da linguagem e com o tempo formou um pequeno dicionário, que muito lhe auxiliaria nas conversas com os Custenáus.

3.5 O encontro com o Xingu

E a expedição de Karl von den Steinen continuava a navegar pelo rio Batovi. Era 28 de agosto de 1884, para ele, o Batovi era considerado um “rio safado”, pois havia muitos mistérios. O rio tinha 70 metros de largura e nele encontraram três capivaras, sendo que estes animais, eram feios, assemelhavam-se com ratos e porcos. Também avistaram um bando de macacos. Enfim, após muito viajar, lembrando que haviam saído do continente europeu, percorreram um longo caminho até chegar na América e depois em Cuiabá, caminhos estes percorridos, ora pelo mar, depois pelos rios, em cima de mulas ou a pé; e, no final, nas canoas construídas pelos membros da comitiva e aquelas 4 canoas que conseguiram junto aos Bacairis. Foram com essas canoas que, finalmente, no dia 30 de agosto de 1884 alcançaram a embocadura do rio Batovi, aquele rio, cheio de curva, que mais parecia um sacarroilha, mas que no final as curvas diminuíram.

Contudo, estavam atormentados, pois não sabiam se sairiam do Xingu ou no Tapajós (idem, *ibidem*, p. 221). Membros da equipe pediam calma, e enquanto navegavam pelo “rio safado”, depararam-se com o Xingu, que tinha como formadores: o rio Kuluene, com suas águas barrentas, o Tanguro, Kurisevu e o Ronuro, além de um rio ainda desconhecido, que seria denominado mais tarde como rio Karl von den Steinen, ou rio “Estene”, que naveguei décadas mais tarde enquanto trabalhava junto aos Ikpeng.

Diante de tudo que viram e haviam passado, cinco semanas a procura das cabeceiras até a chegada na foz, foi um período de muitos cálculos, pesquisas em mapas até encontrar o Xingu. Subiam e desciam

sem saber exatamente onde estavam. Enfim, alcançaram chegaram às cabeceiras do rio Xingu e como eram várias canoas foram avisando os que estavam para atrás, através de tiros de espingardas que tinham encontrado o objeto da expedição. Houve muita alegria. Acamparam numa praia de areia amarela e foram realizar seus levantamentos. Identificaram outros rios, estavam diante de uma nova paisagem, perceberam a modificação do cenário, das brisas, dos insetos que não os perturbavam.

Estavam tão felizes que comemoraram a chegada as cabeceiras do rio Xingu com Genebra⁴⁸ e cigarros de palha. Karl von den Steinen observou que o rio Xingu naquela região onde ficavam suas nascentes aparentava ser superior em largura ao rio Reno em Dusseldorf⁴⁹. Ele descreveu assim a chegada as nascentes do Xingu e sua emoção de encontrá-las quando sentiu que tinha alcançado o objeto de busca, ou seja, as nascentes do rio Xingu, que por muito tempo havia sido uma incógnita para muitos viajantes. Ele assim descreve as nascentes do Xingu e sua emoção de encontrá-las:

Jamais esquecerei o que sentí quando, saindo do estreito e escuro ribeirão da floresta, deparamos com a larga e bela correnteza do novo rio. Não nos fartamos de gozar a luz e a liberdade que nos oferecia surpresa maravilhosa. Na verdade, após termos concentrado todos os nossos pensamentos e desejos nesse único objetivo, tudo era agora regamente recompensado, ao sentirmos os nossos pés pisarem a esplêndida margem há tanto ambicionada. ” “Durante muito tempo erramos por ali como si estivéssemos num jardim encantado, pois os densos arbustos e as veredas estreitas não nos abandonavam, mas, de repente conseguimos chegar a uma alameda de linha reta e larga. Não se vê, entretanto, no final dessa alameda nenhum castelo abrigando uma princesa encantada, mas a sedução do mistério envolve essas árvores respeitáveis, perigos desconhecidos devem talvez vaguear por aí. (STEINEN, 1942b, p. 223)

⁴⁸ Genebra ou Zinebra, aguardente composta de zimbro; é uma bebida destilada de origem dos Países Baixos.

⁴⁹ Cidade da Alemanha, capital do Estado (*Bundesland*) da Renânia do Norte-Vestfália (*Nordrhein-Westfalen*), localizada às margens do rio Reno..

Nesta praia receberam os Trumai, e depois, quando avistaram os Suiás, logo reconheceram que eram eles, pois tinham sido informados pelos Trumais que os mesmos usavam botoques.⁵⁰ E como sempre fizeram, puseram-se a observar e descrever aquele povo, a maneira como andavam, os brincos, o botoque dos lábios, a confecção dos enfeites de penas, a combinação das cores laranja com vermelho, das braçadeiras de penas, das flechas, dos machados de pedra, das canoas e seus remos. Tudo era observado, descrito no diário de campo, que depois seria transformado em livro. Houve trocas de objetos e registros de palavras. Foram se familiarizando com os moradores da comunidade Suiá, o chefe desenhou um mapa, mostrando onde ficavam as outras etnias (STEINEN, 1942b, p. 225).

A comitiva enfrentava seus percalços. As roupas já tinham sumido ou se deteriorado e grande parte usavam somente calça, assim mesmo em péssimo estado. Protegiam-se dos mosquitos usando óleo que os Suiás faziam. Para se proteger do sol usavam panos amarrados na cabeça, ou seja, estavam bem entrosados e tinham capacidade de se adaptar as intempéries. Karl von den Steinen reclamava do silêncio, não obstante descrevia assim o ambiente que o cercava: “Estes homens que só sentem o presente, essa abundância de folhagem inesgotável, êsse ruído de milhares de insetos e todo êsse serviço infinito da flora tropical” (STEINEN, 1942b, p. 221).

Depois de registrarem as nascentes do Xingu, Karl von den Steinen e sua comitiva seguiram viagem, rumo a foz, no estado do Pará. Do Pará retornaram para o Rio de Janeiro, e três anos depois Karl von den Steinen retornou ao Xingu, para realizar levantamento etnográficos dos indígenas. Enquanto a primeira viagem foi para encontrar e conhecer as nascentes do Xingu, a segunda seria para fazer registro mais detalhados de sua população indígena. Das duas viagens, von den Steinen proferiu palestras para a família real no Rio de Janeiro, as quais foram publicadas pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ).

3.6 A Palestra de 1887: A Descoberta do Xingu

Karl von den Steinen proferiu em 08 de março de 1887, uma palestra na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ), na qual estava presente o imperador Dom Pedro II, tinha o objetivo de narrar a 1ª expedição que descobriu as nascentes do rio Xingu. Depois dessa palestra

⁵⁰ Nome dado aos enfeites labiais e auriculares usados por algumas tribos indígenas, os Suiás e os Caiapós.

surgiu controvérsias de quem teria sido o primeiro a descobrir as nascentes do referido rio. Esta controvérsia foi levantada por Francisco Antônio Pimenta Bueno (1836 – 1888), engenheiro militar, nascido em Cuiabá, e que elaborou um relatório oficial sobre a cartografia mato-grossense denominado “Carta Corográfica” da Província do Mato Grosso. Ele argumentava que tinha um texto intitulado “Memória sobre a expedição no Rio Xingu”, que mostrava semelhanças com o mapa de Karl von den Steinen. Este mapa que Pimenta Bueno apresentou havia sido feito em 1802, ou seja, 85 antes. Pimenta Bueno não soube dizer quem foi que esteve no Xingu antes da expedição de 1884, alegando que os documentos comprobatórios deste período poderiam ter sido extraviados. Esta contestação foi realizada no dia 29 de março de 1887, quando Pimenta Bueno pedia perdão por não ter participado da palestra de 08 de março. Ele contestou com veemência que a descoberta das nascentes do rio Xingu não teria ocorrido em 1884, mas em data anterior.

A referência ao rio Xingu encontra-se no índice geral das matérias publicadas nos boletins da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, publicada em 1883. Neste índice conta “O rio Xingu – Homenagem tributada aos seus exploradores e rio Xingu – exploração Pimenta Bueno”. Karl von den Steinen contestou a afirmação de Pimenta Bueno, através do seu diário, que ficou conhecido quando foi publicado em forma de livro “O Brasil Cenral” Além da descoberta das nascentes do famoso rio chamou a atenção para os grupos indígenas que, para ele, vivem na idade da pré-história. (56)

3.7 A 2ª expedição ao Xingu

Enquanto a primeira expedição de Karl von den Steinen tinha como objetivo a chegada e reconhecimento das nascentes do Xingu, a segunda expedição visava etnografar as populações existentes na região. Quando foi realizada a 2ª expedição em 1887, em nada se assemelha da primeira. Entretanto, a logística continuava com o mesmo rigor, característico das viagens científicas. Estas viagens científicas precisam ser vistas como fatos singulares e nunca repetidos (Oliveira 1989)⁵¹. As finalidades que cercam estas viagens servem para ampliação do saber, a obtenção de informações práticas de cunho geográfico e econômico e, o mais forte, não se pode observar qualquer coisa. Na primeira expedição, Otto Clauss, geógrafo, costumava ministrar aulas de geografia, explicando tudo que envolvia a ciência a qual estava vinculado. Wilhelm

⁵¹ João Pacheco “Elementos para uma sociologia dos viajantes”.

von den Steinen desenhava, e Karl von den Steinen observava e descrevia, utilizando o diário e depois o livro para repassar suas experiências.

Nessa segunda vez que visitava a província do Mato Grosso, a intenção era percorrer o rio Kurisevu e fazer os levantamentos etnográficos dos grupos que habitavam aquela região. Novamente estava acompanhado do seu primo Wilhelm von den Steinen, do Dr. Paul Ehrenreich (1855 - 1914), que tinha percorrido o rio Araguaia e o Purus, e o Dr. Peter Vogel (1856 - 1915), que ia continuar o trabalho de Otto Clauss, que desta vez não acompanhou a expedição. Como havia o surto de cólera em Cuiabá, a comitiva da 2ª expedição ficou no Rio de Janeiro e seguiram para Santa Catarina, para visitar as colônias alemães e estudar os sambaquis. Karl von den Steinen e equipe ficaram por lá por 2 meses e meio, depois seguiram para a Argentina e, de lá para o Mato Grosso, fazendo o mesmo percurso anterior. Quando chegaram a Cuiabá foram recebidos pelos amigos que fez da vez anterior e observou que os rios, as montanhas e toda a vegetação continuavam no mesmo lugar, porém os grupos visitados anteriormente tinham mudado e muito (STEINEN, 1942a, p. 6).

Esta expedição começou no dia 28 de julho de 1887, quando saiu de Cuiabá e, ao invés de seguir pelo rio Batovi, rumaram para o Kurisevu, onde se encontravam os grupos indígenas que seria o objetivo da expedição. Este rio é outro braço do Xingu. E mais uma vez Karl von den Steinen pede paciência: “Paciência, Senhor!” (idem, ibidem, p. 31), pois os expedicionários enfrentaram as mesmas dificuldades da primeira expedição. Construíram canoas e seguiram viagem. Havia a opção de seguir viagem pelo cerrado, mas optaram pelo rio. Estavam em setembro e os rios desta região estavam baixos, por causa da seca, e também, por causa desta, deparavam-se com árvores caídas. Durante a viagem foram encontrando sinais deixados pelos índios. Karl von den Steinen relatou que estava sentado sozinho numa canoa, percebeu um homem nu “rio abaixo” e que veio ao seu encontro estabelecendo laços de amizade. Era um indígena da etnia Bacairi, que depois de estabelecida a amizade, ajudou a atravessar as fortes cachoeiras e chegaram a aldeia onde o mesmo morava. Permaneceu algum tempo naquela aldeia, onde acompanhou as pescarias realizadas no rio Kurisevu, ou em alguma lagoa pequena nas imediações da aldeia. Nas pescarias praticadas pelos índios eram utilizadas flechas e pequenos cestos que serviam para capturar peixes, e Karl von den Steinen estava feliz por estar diante dos “hospitais amigos”, “vestidos tal como Adão e Eva no paraíso”! Por estar com os índios participando das pescarias, comeu peixe assado,

mingau de mandioca e frutos da região. Participou do dia-a-dia daquela gente. Além das pescarias, acompanhou os Bacairis na roça e assistiu à derrubada da mata virgem com machados de pedras. Admirou este trabalho com machados de pedras, para ele mostrava a perseverança humana. Contemplou as mulheres trabalhando embaixo da casa que fica no meio da aldeia, descascando mandioca, secando-a no pilão para fazer beijos. Apresentou aos Bacairis o fósforo, tesoura, a agulha magnética e o relógio. Para Karl von den Steinen era a representação do “adiantamento”. Ficou impressionado com os Bacairis, apesar de não ter conhecimento da tesoura cortavam as unhas e os cabelos com capim-navalha e dentes de peixe.

Prosseguindo viagem, e com o fim das cachoeiras, que permeavam o rio Kurisevu, chegou aos Nafukuás. A aldeia deste grupo estava vazia e não puderam conhecê-los. Após dois dias de viagem mantiveram contato com os Meinakos e depois foram conhecer os Aweti, e, de aldeia em aldeia, foram conhecendo os grupos que habitavam as margens do rio Kurisevu: os Yawalapiti, Waurá, Kamaiurá e os Trumai. Para Karl von den Steinen este último grupo eram infelizes e feios.

No início das chuvas retornaram a Cuiabá, depois de passar por diversos infortúnios. Mesmo diante dos entraves, a equipe estava melhor fisicamente em relação ao fim da expedição de 1884, e no dia 31 de dezembro de 1887 entraram em Cuiabá e depois foram ao Rio de Janeiro.

Ambas as expedições foram concluídas com sucesso. A primeira alcançou a foz do rio Xingu em outubro de 1884, e a segunda em 1887, quando completaram o percurso sem entraves. Retornaram a Alemanha quando depositaram o resultado dos trabalhos nas academias. Até hoje as duas expedições estão em evidência, por causa dos livros publicados, das palestras ministradas e dos objetos que foram adquiridos e destinados ao Museu Etnológico de Berlim, dos registros que realizou sobre os grupos indígenas que viviam naquela região, sobre os quais fez um excelente trabalho etnográfico, que resultou no livro “Entre os aborígenes do Brasil Central”, no qual narra a segunda expedição, desde a chegada no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1887, o surto de cólera no Mato Grosso, a viagem a Santa Catarina e depois a ida para Cuiabá percorrendo o mesmo trajeto. A organização da expedição em Cuiabá foi rápida em relação à anterior, exigindo apenas 17 dias até os expedicionários ficarem impressionados com a rapidez. Foram cuidadosos para não cometer os mesmos erros da 1ª expedição, quando levaram uma extensa comitiva e muitos não coadunavam com os objetivos da expedição, conforme relatado no livro.

Aproveitando a estada em Cuiabá, pôde livrar o Capitão Castro da cadeia e contou toda a história do Capitão Tupy (Antônio Tupy Ferreira Caldas) e seus soldados na 1ª expedição, e justificou que após esta experiência preferiu viajar sem escolta militar, mesmo com as dificuldades de arremeter pessoas que tivessem habilidades na “espingarda e no facão” (idem, *ibidem*, p. 27). Diante do impasse tiveram que aceitar o auxílio militar, e solicitaram junto ao Presidente da Província do Mato Grosso que disponibilizasse o tenente Luís Perrot, que pertencia ao 8º Batalhão e havia participado da Guerra do Paraguai. Além do tenente Perrot foram liberados mais 4 homens e animais. Houve também a participação de dois camaradas não militares, Pedro e Carlos Dhein, que eram filhos de colonos do Rio Grande do Sul e por alguns anos trabalharam a serviço do naturalista e colecionador Herbert Smith. Também acompanhou o índio Bacairi Antônio, que havia participado da expedição de 1884. Diferente da primeira expedição que era formada por uma comitiva extensa de pessoas, esta era composta apenas de 12 pessoas, sendo que o Antônio se juntou a expedição depois, pois este, morava na aldeia que estava localizada em Paranatinga.

Esta 2ª expedição, assim como todas as outras devem ser consideradas fatos singulares, únicas e jamais repetidas. Foi o que ocorreu com a expedição de 1887, que além de ter uma comitiva reduzida, seguiu por outra rota. Ficou assim dividida: de Cuiabá até Paranatinga, o território que atravessariam estava colonizado; e o segundo de Paranatinga ao rio Xingu; e depois ao Kurisevu, lugar onde habitavam grupos indígenas. Mas, antes de chegar ao Kurisevu, tinham que percorrer um longo caminho, passando por caminhos que havia sido percorrido em 1884 e fizeram todo o percurso descrevendo-o, tal como tinha acontecido na expedição anterior. Reclamando da monotonia do planalto, da tristeza do chapadão, o brilho do sol e da lua que batia nos rochedos. Enfim nada passava despercebido. Karl von den Steinen considerava o planalto a genuína natureza dos campos (idem, *ibidem*, p. 38).

Como fizeram um novo trajeto mantiveram contatos com moradores, que foram descritos por Karl von den Steinen como “civilizados em sua maioria índios mesclados com negros, pessoas atrasadas”. Se admirou também que quando conversaram com um fazendeiro da região, este não sabia a área total de sua fazenda.

A expedição foi produzindo os resultados que esperavam. Quando estavam na aldeia Bacairi, os moradores desta aldeia informaram, os grupos que viviam no rio Kurisevu: uma aldeia da etnia Nahukuá, duas Meinaku, uma Aweti uma da etnia Yawalapiti e uma aldeia dos Trumai.

Esta aldeia ficava no rio Kuluene, foi a primeira vez que ouviu falar sobre este rio. Diante das explicações ministradas pelos índios soube que se tratava do rio principal situado a leste e que era maior que o Kurisevu, seu afluente.(79) Os Bacairis davam estas informações, através de gestos, micagens e desenhos na areia. As informações eram de grande valia e os grupos ficavam distantes há três dias de viagem. (80)

Dia-a-dia foi mantendo contato com os grupos indígenas que os Bacairis informaram, sempre descrevendo cada encontro de forma pormenorizada, tal como havia ocorrido na expedição de 1884. Esta descrição, que vai até o Capítulo VII, mostra desde quando chegaram no Rio de Janeiro, a permanência por 17 dias em Cuiabá e o encontro com os grupos indígenas no Kurisevu, e o retorno acompanhado de muita emoção a Cuiabá em 31 de dezembro de 1887. A partir do capítulo VIII até o capítulo XVIII, o que se observa é o resumo dos conhecimentos etnológicos obtidos nas duas viagens. Através destes capítulos é possível observar como se deu a ocupação indígena na região Xinguana.

Herbert Baldus que prefaciou o livro de Karl von den Steinen “Entre os aborígenes do Brasil Central”, disse que:

a expedição de 1887 é a primeira que ocorreu na América do Sul com o caráter puramente etnográfico e acrescentou que Karl von den Steinen foi o primeiro a considerar os índios brasileiros sem qualquer preconceito, orientado somente pela vontade de ver o humano em todos os homens, de vê-lo com ideias largas e férteis, ideias de espírito de grande coração. (STEINEN, 1942a, p. 08)

Foi partindo desta premissa de observar e descobrir que Kar von den Steinen organizou duas expedições com o mesmo destino o Planalto Central brasileiro, uma região inóspita para o alemão acostumado a invernos rigorosos, e estações bem delimitadas. Acostumou-se a urbanização, pois vivia em cidades densamente povoadas e populosas. Mesmo assim, empenhou-se em viajar pelo mundo. A pesquisa parece que foi seu lema, e, após muito pesquisar, chegou ao rio Xingu em 1884 e não estando satisfeito retornou três anos depois para pesquisar mais profundamente o que tinha visto anteriormente. Desta segunda expedição, foi novamente até a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro realizar uma conferência, em 17 de julho de 1888, na presença da Princesa Isabel e seu esposo o Conde D’eu.

3.8 A Palestra de 1888: A proteção dos Indígenas

Foi uma longa palestra em que Karl von den Steinen narrou a segunda expedição. Esta palestra foi publicada no 3º Boletim da Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, no ano de 1888, sob o título “*Rio Xingu*” nela narra o encontro com os grupos indígenas que, segundo ele, estão naquela região há várias gerações. Ele relatou que no encontro com estes grupos pode se certificar que foram os primeiros a terem percorrido o rio Xingu: Os resultados desta expedição foram publicados em um livro que foi editado em língua alemã, e foi dedicado a Dom Pedro II imperador do Brasil.

Nesta palestra para a princesa Isabel, Karl von den Steinen relatava sobre a nudez dos índios, a casa que moravam, a casa dos homens que ficava no meio da aldeia, sendo estas redondas, altas e airosas. As casas de moradias serviam para várias famílias que viviam da caça e da pesca, e as mulheres fabricavam painéis de cerâmica. Relatou como os feiticeiros gozam o mesmo poder que o cacique; como são enterrados os índios, as crenças, o sistema político de cada grupo e considerou os índios que manteve contato de boa índole, bem-humorados e alegres. Presenteou os grupos indígenas que viviam no rio Kurisevu com 1.400 facas e facões e acreditou que a idade da pedra havia acabado entre aqueles povos: “De boa vontade demonstrem tudo de que não tínhamos mais necessidade. Mais de 1.400 facas e facões recebeu a gente do Kuliseu e deste modo acabou-se a idade da pedra no Xingu” (STEINEN, 1888, p. 2010).

Não foi apenas facas e facões que a comitiva de Karl von den Steinen apresentou para os grupos indígenas que viviam na região do Xingu. Em troca de uma canoa grande, ofertaram aos Awetis um machado e estes segundo Karl von den Steinen ficaram bem felizes com a troca:

O primeiro machado receberam os Awetis em troca de uma canoa grande, que tinham de carregar nos seus ombros! Em uma picada de duas léguas desde a sua lagoa até o rio – e em cima mostraram-se muito contentes com o negócio brilhante que fizeram. (idem, *ibidem*, p. 204)

E quando Karl von den Steinen esteve na aldeia dos Bacairis e por lá permaneceu um bom período participando da rotina daquele povo, então apresentou-lhes o fósforo, canivete, tesoura, agulha magnética e o relógio. Ele assim descreveu este momento:

Com o fim de contribuir para sua alegria, mostrei as maravilhas magníficas do nosso adiantamento: acendi phosphoro; com canivete e tesoura cortei seus cabelos e unhas, serviços que eles têm de fazer por meio de capim-navalha e de dentes de peixe; mostrei e expliquei-lhes a agulha magnética que eles denominaram sol, por lhes indicar a direcção do meio-dia, e o relógio, que por trabalhar também durante a noite, eles chamaram lua; mas o cumulo de encanto para eles foi quando lhes fiz presente de perolas ou lhes permiti tirar um botão da minha roupa. (idem, ibidem, p. 197)

Karl von den Steinen estava preocupado com a situação daqueles grupos; pois percebia que estes não estavam protegidos e havia o receio de que estivessem o mesmo destino dos Bororos que por causa do contato com os “civilizados” eram caçados como feras e estavam entregues ao alcoolismo:

Estou eu bem convencido que com o systema presente, com o qual os Bororos ficam mal acostumados e viciados pelo uso de aguardente e pela abundância de donativos que recebem sem prestar trabalho correspondente, hão de perder-se da mesma forma, como já aconteceu com muitos outros Bororos na mesma província”. Estes gentios, considerados valentes e bravos, nunca teriam matado tantas famílias de moradores, se eles não tivessem sido caçados como feras, pois no fundo da sua alma são simplesmente cobardes. (idem, ibidem, p. 193)

Ao finalizar então, a palestra, Karl von den Steinen solicitou a proteção dos grupos indígenas que viviam na região, junto a princesa Isabel, e perguntou como seria o futuro dos “nossos amigos do Xingu?

Qual será o futuro dos nossos amigos do Xingu? São três mil aborígenes que apresentamos primitivos como sahiram das mãos da natureza; portanto, capazes de desenvolvimento intelectual e moral se forem guiados propriamente, ou brutaes se forem maltratados. (idem, ibidem, p. 211)

A semente de criação do Parque Indígena do Xingu foi plantada a partir desta solicitação, quando foi enaltecido o papel que a Princesa Izabel exerceu colocando fim a escravidão no Brasil e diante deste fato solicitou a ela que protegesse aqueles grupos que viviam na região das nascentes do Xingu:

Não será fácil escolher o caminho mais recto. Mas é de esperar que a mão benigna que libertou da escravidão os descendentes da Africa, tenha também o poder suficiente de proteger os naturaes deste continente bem assim bastante clemencia para educar estes brasileiros que são mais senhores da sua sorte e isto mesmo ignoram. (idem, ibidem, p. 212)

Além de Karl von den Steinen, outros expedicionários estiveram na região, e depois relatavam da necessidade de proteção dos grupos que viviam na região, o que acabou ocorrendo em 1961 quando o Parque foi finalmente criado através do decreto nº 50.455, de 14 de abril de 1961, com uma área de 22.000 km² e hoje sua área é de 2.642.003 hectares.

O Parque Indígena do Xingu, foi o primeiro território brasileiro com área demarcada com o objetivo de proteger os grupos que lá vivam e outros que foram levados para dentro dos seus limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o terceiro TCC que escrevo e como ocorria com as expedições, uma sempre vinha no encalço da outra. O mesmo ocorreu com as monografias redigidas por mim. A primeira monografia foi sobre a Administração do Parque Indígena do Xingu pelo Megaron Txucarramãe. A segunda é sobre o Estatuto do Índio; e a terceira, que esta sendo escrita sobre o “olhar dos viajantes”. A primeira e a segunda monografia de uma forma bem tímida retratou as expedições de Karl von den Steinen e sua importância para a criação do Parque Indígena do Xingu. Não há como falar do Parque sem citar Karl von den Steinen. Somente agora, cursando graduação em Antropologia que me dediquei ao assunto e vi o quão importante foram aquelas expedições. Foi através delas que a criação do Parque começou a ser almejado, visando garantir a proteção e a sobrevivência dos grupos indígenas que lá se encontravam quando Karl von den Steinen passou. Outras expedições seguiram os passos deste etnólogo, e ao final de cada expedição solicitavam que aquele território fosse protegido.

A questão deste TCC não foi a criação do Parque, mas sim o “olhar” dos “civilizados, brancos e cultos” que se aventuraram por estas terras e relataram suas experiências. Como citou Lisboa: “a natureza dos trópicos evocou nos nossos viajantes sentimentos de encantamento de prazer e elevação d’alma, de gozo, de libertação e deleite” (LISBOA, 1997, p. 124). Estes sentimentos são passíveis de serem identificados nos livros e nos artigos escritos por Karl von den Steinen.

Naquela região, Karl von den Steinen observou que havia grupos étnicos que interagiam, pois quando chegava a alguma aldeia era informado onde estava outro grupo. Por conta dessa proximidade, os grupos formaram uma complexidade cultural ao nível dos costumes, hábitos, e no plano linguístico (BEZERRA, 1999, p. 40). Diante deste quadro cultural diverso e linguístico, ele solicitou a Princesa Isabel proteção aos índios. Esta proteção chegou somente com a criação do Parque Indígena do Xingu, 77 anos depois daquela conferência na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, ou seja, em 1961, durante o governo de Jânio Quadros.

No período de 74 anos muitas expedições passaram pelo Xingu, seguindo o mesmo trajeto de Karl von den Steinen e todas elas se interessavam pela diversidade cultural dos grupos existentes, e defendendo a necessidade de proteção aos grupos com a delimitação daquele território. Criado em 1961, tendo como o 1º administrador

Orlando Villas Boas (1914-2002), que participou da Expedição Roncador-Xingu e se inteirou das condições que os grupos indígenas viviam na região do Brasil Central. Quando Orlando assumiu a expedição ele passou a trabalhar juntamente com antropólogos e médicos ligados a questão indígena, como: Eduardo Galvão, Pedro Lima, José Candido, Noel Nutels, Claudio e Orlando Villas Boas e Darcy Ribeiro. Este grupo elaborou o primeiro projeto de criação do Parque Indígena do Xingu e apresentaram ao Presidente Getúlio Vargas, em 1952. Enfim após vários anos para conseguir a proteção daqueles grupos houve a criação do Parque Indígena no efêmero governo de Jânio Quadros, quando foram disponibilizados 21.600 km². Com o decorrer do tempo, essa área foi expandida e hoje o Parque tem a área de 2.642,003 hectares.

Concluo este TCC, o 3º conforme citado acima e espero sinceramente ter atendido as expectativas da orientadora Dr^a Prof^a Edviges e aproveito o ensejo para agradecer o empenho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDUS, Herbert. “Max Schmidt 1874 – 1950 por Herbert Baldus”. In: **Revista do Museu Paulista**, São Paulo 1951, nona série, volume V: pág 253 – 260.

BASTIDE, Roger. **Brasil terra dos contrastes**. tradução de Maria Isaura Pereira Queiroz, 1959, Editora Difusão Européia do Livro, pág 6 – 17.

BEZERRA, Suzana Maria Moura. **A política indigenista: A administração de Megaron Txucarramãe no Parque do Xingu**. Departamento de História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1999.

BRITO, Luís Tenório de. 1952. “De São Paulo a Manaus (impressões de viagem)”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de São Paulo**, p. 91 – 102.

CORREA, Mariza. “Traficantes do Excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60”. In: **Revista brasileira de Ciências Sociais** n] 6, fev 1988.

DRUDE, Sebastian. **A contribuição alemã à linguística e antropologia dos índios do Brasil, especialmente da Amazônia**. Museu Paraense Emilio Goeldi, Universidade Livre de Berlim, 1998.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros e viajantes estrangeiros em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo, tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências da FFLCH da USP, mimeo, 1986.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Naturalistas viajantes**. Manguinhos. Rio de Janeiro, I (2): 7-19, nov. 1994 – fev. 1995.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1818 – 1820)**. São Paulo. Editora HUCITEC, FAPESP, 1997.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Elementos para uma sociologia dos viajantes**. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, 1987.

_____. **Narrativas e imagens sobre povos indígenas e Amazônia: uma perspectiva processual da fronteira.** Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro, indiana 27 (2010), 19 – 46.

PALAZZO, Carmen Lícia. "Visões francesas no Brasil: permanências medievais nos relatos da modernidade". In: **Universidade Face Brasília**, v.4, n1/2, p. 5 – 28, Departamento de Antropologia, Universidade de Ciências Sociais, UNB, Brasília, 1983/2007.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **O olho do etnógrafo.** Revista do PPGSA IFCS. UFRJ, v. 01.02: 195 – 215, 2011.

PEREIRA, Sérgio Nunes. "Obsessões Geográficas: viagens, conflitos e saberes no âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro". In: **Revista da SBHC.** Rio de Janeiro, v.3 n° 2, p. 112 -124, jul/dez 2005.

PRANTNER, Johanna. **Imperatriz Leopoldina do Brasil.** tradução de Hans Pellischek e Elena Dionê Borges – Petropolis. Editora Vozes, 1998.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. "A contribuição da imperatriz Leopoldina à formação cultural brasileira (1817 – 1826)". In: **ANPUH XXIII Simpósio Nacional de História** – Londrina, 2005.

SALLAS, Ana Luísa Fayet. "Narrativas e Imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas a história e a nação". In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n° 2, abr – jun. 2010, p. 415 – 435.

SCHADEN, Egon. 1990 "Pioneiros alemães da exploração etnológica do Alto Xingu". In: **Revista de Antropologia**, (33), pág. 1 – 17.

SCHARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas e Instituições e Questão racial no Brasil 1870 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHMIDT, Max. "Resultados da minha expedição Biebnal a Mato Grosso de setembro de 1926 a agosto de 1938". In: **Boletim do Museu Nacional**, 1938 – 1941: pág. 241 – 263.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHADEN, Egon e BORGES PEREIRA, 1969 João Batista. Exploração Antropológica, TOMO III, 3º volume, capítulo VI. São Paulo. Difusão Européia do Livro, p 426 – 444.

STEINEN, Karl von den. “O rio Xingu” Observações do Dr. Carlos von den Steinen sobre a exploração do rio Xingu, em sessão de 8 de março de 1887”. In: **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, TOMO III 1º boletim, anno 1887: pág. 95 – 106.

_____. “O rio Xingu”. In: **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, TOMO IV, anno 1888. 3º Boletim: pág 189 – 212.

_____. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. São Paulo, Departamento de Cultura, 1942a.

_____. **O Brasil Central**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942b.